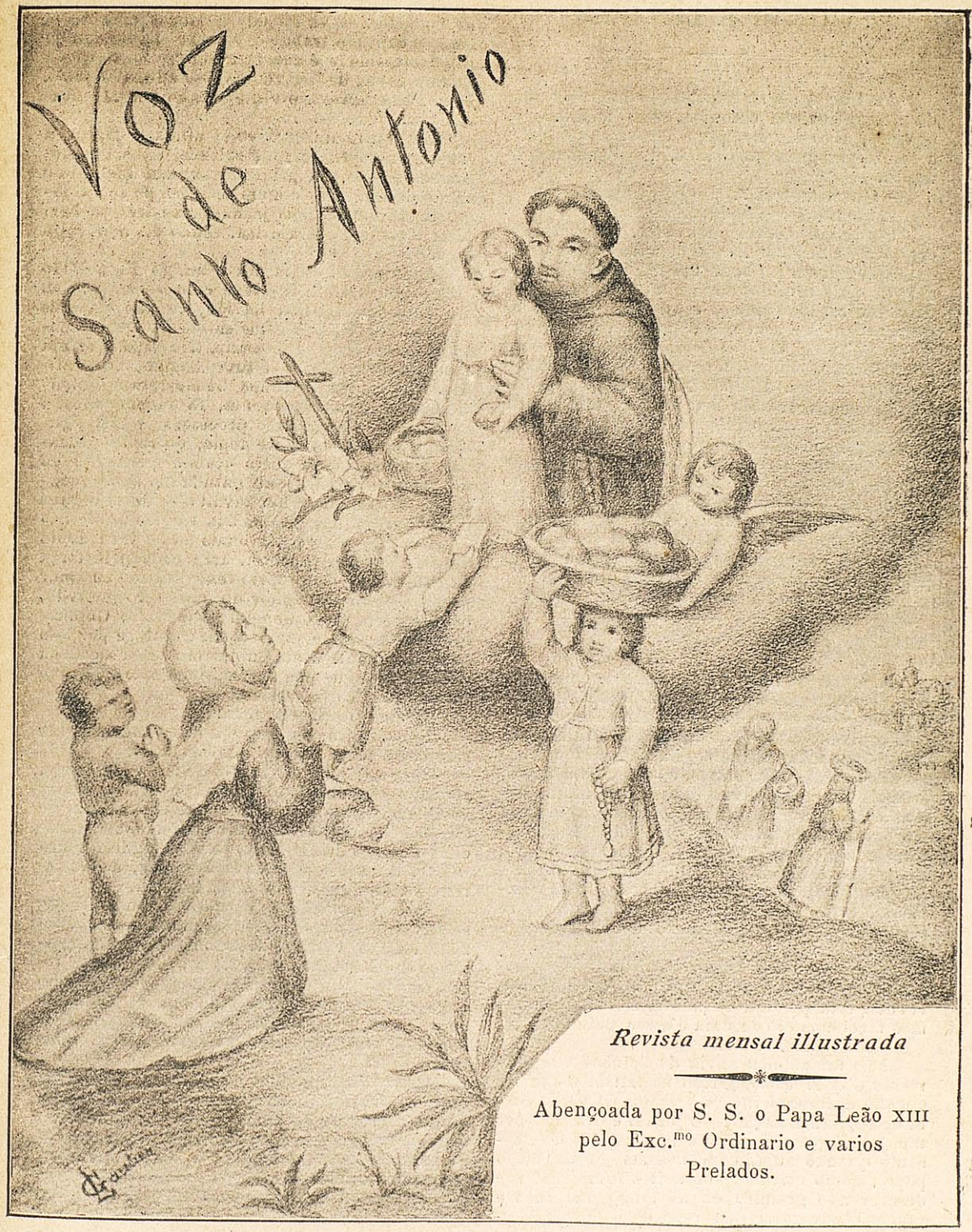
N.º 7—5. SERIE JULHO DE 1903 9.º ANNO

Voz de Santo Antonio



Revista mensal illustrada

Abençoada por S. S. o Papa Leão XIII pelo Exc.mo Ordinario e varios Prelados.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO -- BRAGA

CHRONICA LIGEIRA

Ao traçarmos no papel as primeiras linhas da despretenciosa chronica, vem ferir-nos os ouvidos, ecoando ao longe de vale em vale, a toada plangente dos sinos, que dobram a finados.

—Quem morreu?... — pergunta-se.

E ninguem responde...

Porque é ocioso responder. A anciedade commovida de duas longas semanas, durante as quaes rodearam incessantemente o leito do Ancião as mais sentidas e sinceras homenagens de filial dedicação e amor, e subiram ao Céo as mais ardentes e fervorosas preces pela conservação de vida tão preciosa, — essa anciedade angustiosa, diziamos, teve o seu tristissimo desenlace: morreu **Leão XIII**! A Igreja catholica está viuva do seu Pastor, cuja morte deixa tambem na orphandade espiritual mais de duzentos milhões de crentes.

Ao Grande Luctador, hoje adormecido para sempre no somno de uma gloriosa morte, ao que de nós todos foi Mestre indefectivel de verdade, ao Pastor vigilante e Pae estremecido, o preito sentido e affectuoso da nossa saudade; e ao Eterno endereçamos uma fervorosa prece pelo eterno repouso da sua grande alma.

Requiem æternam dona ei, Domine.

*

A morte de Leão XIII provocou em todo o mundo extraordinarias demonstracções de admiração e sympathia affectuosa. Aos crentes vieram unir-se os adeptos das seitas dissidentes; com os soberanos catholicos fizeram côro os chefes das nações protestantes, e até mahometanas; os mais ferrenhos adversarios ensarilharam armas e abateram as suas bandeiras; a propria maçonaria ingleza fez justiça ao adversario intransigente e irreconciliavel, a quem se deve a Encyclica *Humanum genus*, que a fulminou.

Houve notas discordantes, tão poucas, felizmente, e tão imperceptiveis que facilmente se perderam no côro grandioso dos louvores e *hossanas*.

Com venia dos leitores, a titulo de curiosidade, e tambem no intuito louvavel de esvurmar esta pustula da palermice indigena, vamos fazer-nos eco de uma d'essas notas.

Comecemos, leitor.

Mão amiga nos envia de Setubal uns numeros d'*O Trabalho*, jornal socialista d'aquella cidade, acompanhando a remessa com esta carta de recommendação: «O jornal é dirigido por um tal Figueiredo, que é não menos interessante quando suja, com as suas garatujas, o papel, como quando, por noites luarentas, vae descrevendo grandes *SS* ao longo das ruas e praças d'esta graciosa rainha do Sado.»

D'aqui concluimos em portuguez corrente, que a tal gazeta é dirigida por um bebado, que labuja no papel. E' importante esta primeira informação sobre a psychologia do homem e do jornal

Abrimol-o. Artigo do fundo a historia... da papisa Joanna, contada com uns ares de seriedade gráve e austera, que nos fariam rebentar de riso, se não estivessemos vendo d'aqui o risinho brèjeiro com que o amigo Figueiredo se regosija do desfructe, impingindo aos bolonios da sua terra um réles pechisbéque por oiro de lei.

Pobre jornalista, que falho de outras armas de combate, se vê forçado a lançar mão do já gasto e cançado trabuco; e pobres leitores, cuja intellectualidade é cotada tanto *por baixo*, que a julgam capaz de digerir tão mal adubado pitéo. E... mal empregado vintemzinho por tão avariada mercadoria...

Em outro numero volta ainda a gazeta a consagrar ao fallecido Pontifice umas tres columnas e pico, na primeira pagina, incluido o artigo de fundo, — e ao mesmo tempo se vai lamuriando de que «os jornaes não teem a bem dizer tratado d'outra coisa, senão da morte do Papa.»

A proposito d'ella diz o amigo Figueiredo que, ainda Leão XIII esteve com sorte. Até ao seu pontificado tinha havido, se não estamos em erro, visto que n'estas coisas da igreja confessamos a nossa ignorancia, 264 papas. Trinta e tantos d'entre elles foram considerados antipapas. Pois, dos legitimos, 64 morreram violentamente e desastrosamente, 18 envenenados, 4 assassinados por outros processos, 1 estrangulado, 2 mutilados, 1 de fome, outro ás pedradas, 1 suicidou-se, outro acabou queimado no seu leito de agonia, outro ainda em consequencia de ter cahido de um cavallo — emfim alguns mais tiveram fim não menos tragico e infeliz.»

Em tudo isto pouco mais ha de verdade do que a confissão preciosa, arrancada pela força da evidencia e do proprio senso intimo ao amor proprio e ao pundonor do nosso Frgueiredo, confissão em que o homem se declara, implicitamente, humilde sapateiro de escada, e por isso mesmo se penitenceia publicamente da sacrilega ousadia com que põe a encerolada mão no grave rabecão das coisas serias.

Habemus confitentem reum.

Não admira, pois, que a pena inconsciente rabiscasse mais dislates que palavras.

Vem cá, amigo Figueiredo; põe de parte, por uns momentos, o cangirão e o meio litro; vê se consegues aquietar o teu nervosismo de alcolico incorrigivel; domina a tendencia, caracteristica nos da *confraria*, para os esgares e momices, ridiculas, e ouve se és capaz, a voz serena e insubornavel da verdade (1):

«Examinae a lista dos Papas (com *P grande*, se dás licença) desde ha 18 seculos. Tem havido 260... De S. Pedro a S. Melchiades, contemporaneo de Constantino, contam se 32 Papas. *Todos*, excepto *dois*, morreram martyres. E mesmo estes *dois* foram exilados pela sua fé. Todos os outros foram decapitados, apedrejados, lançados aos rios, expostos ás feras nos amphitheatros.»

Quer dizer, senhor Figueiredo: soffreram tormentos atrozes, derramaram o seu sangue, deram a propria vida para defenderem um ideal, uma convicção — e todas ellas são respeitaveis. quando sinceras; e não pode deixar de o ser uma convicção que mostra intemerata e incontrastavel a mais cruel e affrontosa morte. Quer dizer mais, senhor Figueiredo, que os trinta successores de S. Pedro baquearam gloriosamente n'uma luta desigual, impossivel contra a tyrannia dos imperadores romanos, e em favor da liberdade de consciencia. Quer dizer ainda que aquellas victimas heroicas do despotismo imperial, e novamente victimas posthumas do

(1) Os dados que seguem são colhidos da excellente obra de Mgr. Bougaud *Le Christianisme et les temps présents*. — Se o snr. Figueiredo se não dá com o francez, póde socorrer-se dos conhecimentos philologicos de qualquer estudantito da escola municipal secundaria

9.º Anno — N.º 7 3.ª SERIE Julho 1903

Voz de S. Antonio

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — BRAGA

SUMMARIO

Leão XIII, Papa! — Brado eloquente d'um Prelado!
I Parte — **SECÇÃO DOUTRINAL**: Caixas economicas escolares. — S. Roque e S. Francisco Solano. — Espirito de Penitencia. — Indulgencias, etc.
II Parte — **SECÇÃO HISTORICA**: A These social. — Pensamentos. — Anecdotas.
III Parte — **LEITURAS AMENAS**: Idylio. — Os dois lirios.
IV Parte — **CULTO DE SANTO ANTONIO**: O Pão de Santo Antonio em Braga. — Guimarães. — Ouro Preto (Brazil) etc. — Recommendações — Os nossos defunctos.
V Parte — **SECÇÃO SCIENTIFICO-LITTERARIA**: Esthetica christã. — Bibliographia: Livros, revistas e jornaes.
VI Parte — **CHRONICA UNIVERSAL**: Roma, Portugal, etc.
GRAVURAS: S. Roque. — Provando a cerveja. — Cardeal Adjuti.

Editor — D. J. de Souza Gomes.

Pap. e Typ. Universal — Augusto Costa & Mattos

LEÃO XIII PAPA

Apagou-se a 20 de Julho esta luz que tinha sido a luz do mundo!

Aquelle que percorrera d'um hemisferio ao outro os mundos politico, economico, religioso e social, já não vive!

A impressão que abre no espirito catholico este acontecimento seria muito superior em espanto ao que provem da presença d'um cataclismo eminente, se o mundo não estivesse confiado á Providencia sábia de quem governa os homens pelos homens e os povos pelo seu Vigario!

Effectivamente; quem relanceasse em espirito a vasta cadeia dos acontecimentos humanos realisados á sombra d'este grande Pontifice; quem o acompanhasse n'aquelles seus vôos atravez das sciencias metaphysicas e sociaes; quem perscrutasse attentamente a unidade operada por elle no curso da politica internacional; quem o contemplasse ora sollicito e attento pela manutenção de seus direitos, ora generoso e pru-

dente no alargamento de seu Imperio, — ficaria tomado de terror ao vêr baquear o Homem que cingiu tão prasenteiramente a triplice corôa do Doutor, do Mestre e do Soberano, se não o reconfortasse a ideia de que Deus, luz indeficiente e eterno moderador, continua por detraz do mysterio a presidir aos destinos do mundo inteiro.

Isto porem não tira que, n'um arranco de saudade, pranteemos aquelle homem que foi espanto de homens; aquelle valente lidador que tersou armas com os maiores potentados; aquelle finissimo general que ganhou as mais bellas campanhas e derrubou os mais temerosos inimigos.

Uma prece ainda por essa alma que foi a alma da moderna renascença democratica christã.

Um soluço por esse magnanimo coração que lateja ainda debaixo da onda de tantas sociedades por elle regeneradas.

E, quando na roda implacavel do tempo, virmos marcado o dia 20 de Julho, lembremo-nos que n'elle está conglobada uma das épocas mais gloriosas do mundo:—A época de Leão XIII.

Brado eloquente!

A grande crise que assoberbava algumas nações da Europa, por occasião da sua elevação ao throno pontificio, encontrou o Santissimo Padre essa pasmosa e extraordinaria energia, que tem maravilhado o mundo.

Conheceu as urgentes e imperiosas necessidades d'aquella época, e, como o heroe, o commandante de formidaveis exercitos, que dos perigos tira o valor, robustece-se. E a Providencia Divina centuplica-lhe as forças; e entrega-se, de todo, ao combate das ideias anti-sociaes e anti-catholicas, que então eivavam com extraordinario incremento a sociedade commodista, impulsionada somente pelos prazeres sensuaes.

Estava em fóco a questão romana.

Com a sua politica habilissima obtem dentro em pouco uma consagração universal da sua Soberania.

Leão XIII pode impôr a sua vontade ao mundo, porque a sua Soberania é reconhecida até por aquelles povos cuja religião official é a protestante, os quaes estabelecem embaixadas junto do Vaticano.

Conquistada a posição, dá principio ao ataque, apontando á humanidade os males causados pelas doutrinas socialistas e materialistas; evidenceia a vantagem do matrimonio christão; e, porque as ideias do revolucionismo principiavam, á maneira de terrivel gangrena, lavrando por toda a parte e contaminando todas as classes, ensina qual o respeito que se deve ter para com os poderes, tanto o civil, como o ecclesiastico.

Combate com vigor extraordinario as maquinações das seitas. Deli-

mita a esphera da acção da Egreja e do Estado; e depois de um sem numero de decretos, tendentes ao levantamento do espirito religioso e ao bem da Egreja e dos homens, proclama a abolição da escravatura, e derime sabiamente pleitos internacionaes, evitando assim os horrores das mais cruentas guerras.

E depois de haver promovido a educação do Clero, e recommendado n'uma serie de primorosas Encyclicas a formosissima devoção do *Rosario* da SS. Virgem; depois de haver feito tudo o que deixamos ligeiramente apontado, e muitissimo mais ainda (que não caberia enumerar nas limitadas proporções d'esta simples *Exhortação Pastoral)* o sabio Pontifice, para coroar a sua gigantesca obra, resolve a difficilima questão social, e pela encyclica *Rerum Novarum* veio revelar-se ao mundo um talento de primeira grandeza, produzindo na esphera intellectual, sem a minima contestação, a maior descoberta dos tempos modernos.

O Papa proclamou a doutrina da democracia christã, e com essa providencial Encyclica salvou o mundo d'uma grande tormenta que o vinha ameaçando.

Quer Sua Santidade a democracia christã; mas notae bem (carissimos diocesanos) que é quando essa democracia se informa pelos *preceitos e dictames da Egreja Catholica que reconhece todos os homens irmãos em nome de Deus.*

«*Outra coisa é a democracia sem Deus,* como ha poucos dias o disse o Santo Padre ao Sacro Collegio dos Cardeaes, — *a essa democracia socialista devem oppôr-se vigorosamente todos os catholicos do orbe*». (1)

(1) Discurso de S. S. Leão XIII na recepção dos Em.mos Cardeaes que o felicitaram na vespera do Natal.

Na verdade, a cupula foi bem digna do edificio, porque em toda a sua vida pontifical o Grande Papa Leão XIII continuou, de um modo extraordinariamente efficaz em fructos de salvação, a obra do Fundador da Santa Egreja, Jesus Christo, de Quem elle é o vigario na terra.

Os soberanos das varias nações reconheceram no governo providencial d'este Pontifice que a Egreja de Deus é sempre a mesma; no seu principio, reformando o mundo pagão nos seus horrores da escravatura e da degradação da mulher, e nos nossos tempos, reformando o mundo paganisado, que resvalava no declive de anniquilação social.

E' por isso que o mundo se curva, ó gloriosissimo Leão XIII, ante a Vossa Personalidade grandiosa, e vos acclama um seu grande benemerito! Erguem-se como um só homem os patrões e os operarios, os pobres e os ricos, os sabios e os ignorantes, e todos accorrem a agradecer-Vos as vossas sollicitudes paternaes.

Secção doutrinal

Caixas economicas escolares

O PENSAMENTO das caixas economicas escolares é dos mais uteis e dos mais sympathicos.

Diz o illustre escriptor brazileiro, o snr. Mello Guimarães, no seu excellente livro *As instituições de previdencia no Rio de Janeiro*:

«Habitual-as (as creanças) desde os verdes annos a poupar, é lançar os alicerces do seu bem-estar e quiçá da sua fortuna; e como da riqueza individual provém a ri-

queza publica, são benemeritos da nação os propagandistas da economia.»

E' hoje uma questão resolvida, e que tem para a sustentar as opiniões dos homens mais competentes, de que a educação na escola deve comprehender os exercicios da economia, ministrados pelos professores, de forma a crear e desenvolver nos alumnos o espirito da providencia.

Todos os argumentos que se levantaram contra as caixas escolares, teem sido refutados e anniquilados por homens dos mais notaveis, por espiritos verdadeiramente superiores. Se esta instituição ainda por ventura encontra adversarios são elles tão pequenos perante Luzzatti, na Italia; Malarce, na França; Laurent, na Belgica, e muitos outros propagandistas illustres como Vieira Souto, no Brazil, que não vale de certo perder-se o tempo a combater opiniões levantadas sem o minimo criterio economico.

No nosso paiz não creio felizmente que hajam antagonistas d'estas idéas civilisadoras; tem havido talvez indifferença, o que não sei se muitas vezes não é mais fatal.

Entretanto as idéas boas são como sol, hão de forçosamente um dia encher de luz todos os espiritos.

A caixa economica escolar é util; ninguem o contesta nos paizes civilisados. Por toda a parte faz-se uma propaganda activa e intelligente, animando os que se dedicam a estas questões, e recompensando os professores que mais distinctos se tornam n'esta cruzada civilisadora.

Não pretendemos fazer n'este logar a historia d'esta instituição, que deve na Europa o seu principal desenvolvimento ao nosso amigo A. de Malarce. Notaremos apenas factos mais recentes, e que vêem comprovar a utilidade das caixas escolares, de que o nosso paiz ainda estaria orphão, é vergonha dizel-o, se o ex.mo snr. dr. Theophilo Ferreira, não as estabelecesse nas escolas centraes do municipio de Lisboa, instituição para a qual prestamos o nosso concurso, e que temos continuado a dirigir, porque reconhecemos, como diz Luzzatti, que a caixa economica escolar é a base das instituições de previdencia.

Está este elemento de economia consignado na lei da caixa economica portugueza, creada pelo illustre ex-ministro da fazenda o ex.mo Barros Gomes. Entretanto tem sido letra morta, como tambem moribunda tem sido a existencia da caixa economica.

As caixas economicas escolares começaram a funcionar em quatro escolas centraes no mez de julho de 1883, e nas outras oito escolas restantes em outubro do mesmo anno.

O seu desenvolvimento nos primeiros mezes foi notavel; excedeu todas as esperanças que alimentavamos sobre esta nova instituição. Declinaram e muito, mas por diversas causas, que nos abstemos hoje de apreciar, mas que se não podem attribuir nem a falta de comprehensão da parte das familias dos alumnos, nem a dedicação dos professores.

Lastimamos profundamente que se dessem esses factos, porque as caixas escolares mantendo aquelle dosenvolvimento tornavam-se um modelo d'estas instituições.

Entretanto este elemento educativo está implantado em Portugal, e principalmente os professores regentes das escolas centraes, cujos nomes vão nos respectivos mappas, como agradecimento á cooperação valiosa que tem prestado a esta civilisadora cruzada, conhecem já praticamente o modo de funccionar das caixas escolares, cujo mechanismo é facil, mas, trabalhoso e de grande responsabilidade moral.

Estes exercicios de economia pratica não têem por fim sómente pedir dinheiro ás creanças e guardal-o; é necessario explicar-lhes todas as semanas as vantagens da previdencia, fazendo comprehender a esses pequeninos seres, como as diminutas quantias, gastas em gosos inuteis e até ás vezes nocivos, accumuladas, dia a dia, semana a semana, podem constituir um capital valioso, e então ser applicado n'um objecto necessario.

E quando qualquer alumno retira parte ou todas as suas economias, afim de comprar um livro, fato ou outra cousa qualquer que lhe seja indispensavel, é necessario que o professor exponha este facto na occasião dos exercicios economicos, servindo estes exemplos de lição pratica.

Nas escolas normaes seria de grande utilidade estabelecer este ramo de instrucção, habilitando praticamente n'estes exercicios os futuros professores, a quem mais tarde, como diz Laurent, são entregues os destinos da humanidade.

A cruzada está levantada, cruzada da

paz e do bem. Tem por fim preparar uma geração mais previdente.

«*O trabalho e a economia, diz o illustre* economista brazileiro, Vieira Souto, *são as duas forças que conservam e augmentam a riqueza das nações; são tambem ellas que as caixas escolares procuram inocular e desenvolver em todo o cidadão.*»

Pois bem; procuremos alargar esta idéa util; não a deixemos circumscripta ás escolas municipaes de Lisboa; levemol-a a todas as escolas. Recompensemos os professores que mais distinctos se tornem n'estes exercicios, porque são elles os principaes elementos d'esta instituição.

Em muitos paizes não ha sómente as recompensas pecuniarias, ha as menções de louvor, ha as medalhas d'honra, ganhas n'esta grande e gloriosa batalha de civilisação.

Havia receio de fazer uma experiencia? Está realisada e sem dispendio dos cofres publicos, apenas á custa do trabalho de quem officialmente não tinha obrigação de o fazer.

Estão as caixas escolares estabelecidas na França, na Belgica, na Hollanda, na Italia, na Allemanha, na Austria, na Grecia, na Russia, na Hespanha, no Brazil, nos Estados Unidos (1), finalmente em todos os paizes civilisados; é urgente que Portugal acorde do somno inerte da imprevidencia.

Sobre a utilidado d'estas instituições, ainda ha tempos tratando-se na camara dos deputados, em França, da questão agricola, procurando-se estabelecer o credito para os pequenos agricultores, economistas e oradores dos mais distinctos, notaram que o principal elemento para se conseguir este resultado, era estabelecer a pratica da economia, corroborando o que em 1878 e 1879 affirmou o congresso dos agricultores, recommendando as caixas economicas escolares.

No Brazil tambem esta cruzada está levantada, e a commissão nomeada pelo governo para tratar da reorganisação da caixa economica, exprime se d'este modo, com referencia ás instituições escolares.

«Esta idéa de caixas escolares não póde ser nem mais bem concebida, nem mais previsora. E' ir instillando gotta a gotta no animo infantil da creança o sentimento e o habito da economia que, na falta talvez de estimulo e exemplo na casa paterna, ella póde ir encontrar na escola, onde as insinuações do professor e a emulação entre os seus jovens collegas, terão força de despertar-lhe esse favoravel instincto, fazendo-a contrahir uma louvavel qualidade, que ha de mais tarde influir beneficamente no seu caracter de homem social...

E o amor da economia vae-se, pouco a pouco, insinuando no caracter do menino, onde fica mais fundamente impresso, infundindo-se em seguida nas cogitações paternas, na volição da familia, até que o acto, no caso desacostumado, vae ganhando a todos e tornando-se uma aspiração, um desejo, um hábito, que o tempo consolida. D'ahi em diante a conquista moral está realisada; o joven propagandista plantou a idéa, e d'ella nasceu o costume que, uma vez adquirido, produz mais e melhor do que todas as catecheses da palavra estranha ou dos exemplos alheios.

Costa Goodolphim.

(1) Nos Estados Unidos ha em todas *lodging-houses* uma caixa economica, *savings-bank*, que consiste em um grande cofre em fórma de mesa, com buracos numerados, por onde possa passar uma peça de meio dollar.

Todos os meninos são convidados a guardar n'esse cofre o resultado de suas economias.

No asylo dos pequenos vendedores de jornaes as quantias economisadas durante o anno de 1875, por 1:311 meninos, subiram a 3:206 dollars.

Este asylo, desde a época da sua inauguração, tem salvo da miseria 10:000 meninos.

ROLIN.

SANTO PROTECTOR DO MEZ DE AGOSTO

S. Roque. — Este glorioso filho da Ordem Terceira de S. Francisco nasceu em Montepelier em 1295.

Seu pae era governador da cidade e sua mãe Libera era da nobre casa de Hungria. Por parte de seu pae era parente proximo de S. Luiz, rei de França e S. Luiz, d'Anjou, e por parte da mãe, de S. Isabel de Hungria e da nossa Rainha Santa.

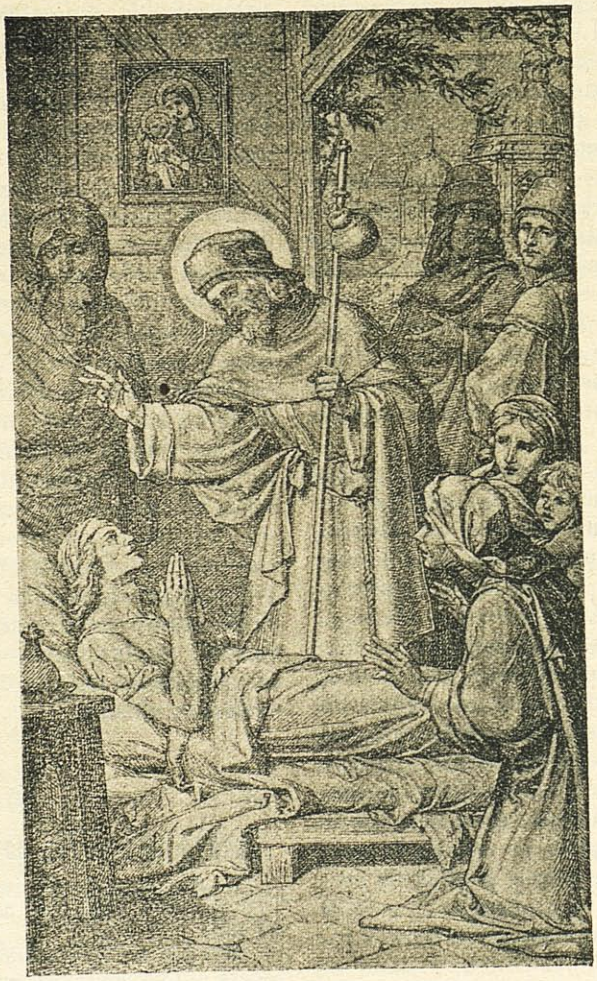
Ferido pela morte do pae e da mãe, vendeu toda a sua grossa fortuna, vestiu o burel da Ordem Terceira, pegou no bordão de peregrino e partiu para Roma a visitar os tumulos dos Santos Apostolos. Grassava então o flagello da peste por Italia e o Santo movido de piedade para com os infelizes pestiferos dedicou-se á sua cura nos hospitaes alcançando de Deus a virtude extraordinaria dos milagres em favor dos seus caros enfermos a ponto de se tornar celebre e ser procurado por todos os feridos do horrivel flagello.

Passou n'este caridoso exercicio toda a sua

vida. Por fim foi tambem elle atacado da asquerosa doença da lepra sustentando-se durante a enfermidade de um pedaço de pão que um cão lhe trazia á cabana de ramos de arvores onde passou os dias dolorosos da doença.

A nossa gravura resume estes traços da sua vida. A cabacinha pendurada no cajado lembra a sua vida de peregrino; o cão que tem ao pé é o que lhe levava o pão quando enfermo; está curando um leproso, rodeado de expectadores para nos recordar que toda a sua vida se passou na cura dos leprosos.

Morreu em 1227 com trinta e dous annos de edade.



S. ROQUE

S. FRANCISCO SOLANO

(Continuação)

Com verdade chama a Historia Thaumaturgo do Novo Mundo e Apostolo do Perú a S. Francisco Solano. E' que elle foi talvez o primeiro exemplar de evangelisação ultramarino, segundo o espirito de Francisco d'Assis.

Cada individuo tem o seu caracter cada Ordem religiosa o seu espirito, e a sua escola o seu methodo de o diffundir, de evangelisar os povos.

E' ainda n'este particular admirado o paralello que os historiadores teem visto entre o Filho de Pedro Bernardone e Jesus de Nazareth. A escola, o methodo de evangelisação do Christo do Alverne é a do Christo da Galilea.

Ha oito annos que um grande jornalista escrevia para os sabios do seculo XIX:

«Olhae atravez do valle que domina a cidade de Assis. Por entre as povoações desseminadas no meio das searas encontrareis o Mestre que percorre a Galileia com os seus Apostolos, encontrareis os discipulos que os recebem nas suas choupanas em Tiberiades e Genezareth. O Mestre revive no pessoa do filho de Pedro Bernardone; Pedro, o apostolo chama-se Bernardo de Quintaval; João tem um outro nome; os discipulos trajam as côres da penitencia e applicam-se ás mesmas obras de caridade. São os mesmos personagens occupados na mesma missão, annunciando o mesmo Reino dos Ceus. A turba que os rodeia é a mesma: os pobres, os humildes, os que choram, os que teem fome e sede de justiça, os corações puros, os misericordiosos, os perseguidos... Na Mmbria como na Galileia é o mesmo methodo: o apostolado começa pela miseria corporal...

Na escola de Francisco, como na do Rabbi da Judeia, a regeneração moral é uma nova creação, e começa, como esta, do corpo para o espirito: é necessario matar a fome do corpo antes de matar a da alma, curar as feridas carnaes antes de sanar o coração. O povo não escuta, não crê o apostolo que se não foe das suas enfermidades.

Christo antes de tudo «amou o mundo» depois olhando para a turba da humanidade chorou sobre ella, por fim resgatou-a.

A missão evangelisadora de Francisco começou egualmente por acto de amor para com os pequenos, para com a miseria, e em todo o tempo o franciscano foi o amante do povo e o povo amou o franciscano.

Tal foi tambem o methodo de Francisco Solano.

Tinha um coração grande e sentia profundamente as miserias dos pequeninos do Pae de Familia — do povo — e logo que o seu estado lho permittiu metteu-se no meio d'elles, fez-se povo, pobre, como elles para os lucrar para Christo. Já vimos como salvou Andaluzia da peste.

Ouve fallar depois nas missões que iam partir para o Novo Mundo, lembra-se que os indigenas d'aquellas regiões eram mais miseraveis que seus irmãos,— que o povo da sua patria — e aquella grande alma da Iberia lá vae sobre o mar em busca da maior miseria para soccorrel-a.

Chegado ao theatro do seu heroico ministerio, ao ver com os olhos o espectaculo degradante d'aquelles indigenas, que nunca viram amanhecer o sol da verdade e da civilisação, Francisco chorou sobre *a turba miseravel* e quiz valer-lhe.

Nós, os christãos do seculo XIX, os filhos do progresso, acostumados a transitar pelas estradas de Macdam nas vias ferreas, nos comboios e americanos electricos e nos vapores sobre as aguas

nós que nos correspondemos para todas as distancias pelo telephone e o telegrapho, não comprehendemos quanto heroismo de vontade precisava o Apostolo Franciscano para romper atravez das selvas virgens cortadas por caudalosas correntes imprevistas, cavadas de abysmos desfarçados pelos troncos seculares, por entre os matagaes onde assobia a serpente e ruge o tigre, descalço, sem arma, sem deparar um piso de gado que o guie ao povoado.

Inebriados pela civilisação que os monges de outras eras trouxeram aos nossos avós, affeitos a vêr fabricas, officinas, machinas, escolas e mestres, universidades e doutores, cidades e cidadãos — civilisação — não fazemos ideia das fadigas que soffreu este filho de Francisco para percorrer as vastissimas e selvagens e barbaras regiões do Rio da Prata, do Paraguay e do Perú, e civilizar, christianizar os seus milhões de indigenas — milhões de feras humanas. —

Viu todas estas difficuldades do seu ministerio, sentia-os avolumarem se em torno de si de dia para dia, mas, ao passo que mais se entranhava nos certões do Tucuman mais miseria via e mais misericordia crescia no seu coração que não podia vêr infelizes, principalmente — almas infelizes. — Era filho de Francisco, era apostolo da sua escola evangelica, por isso amava a miseria, amava o pequeno e queria salval-o.

O apostolado franciscano é um apostolado antes de tudo de amor, e o apostolo deve ser um um homem de esperança.

Francisco Solano reconhecia que era pó e cinza, mas esperava que o Deus que faz das pedras filhos da Igreja, tambem daria á sua palavra efficacia divina.

Na oração alimentava a sua esperança, grande como a sua alma caritativa. Passava as noites quasi inteiras n'este santo exercicio. Quando o raiar da manhã o vinha roubar dos degraus do altar, o apostolo do amor, o homem da esperança, deixava a oração e recomeçava os labores apostolicos com novo ardor. A' noite recolhia-se ao tabernaculo a reconfortar as forças do seu espirito em oração fervente e estatica; e quando a manhã rompia voltava com nova coragem para o meio do povo.

Assim o homem de oração, permanecia sempre o homem da esperança.

A' oração continua juntava a penitencia. Francisco queria desaggravar a Deus das injurias que recebia dos indigenas que evangelizava. Jejuava com este fim continuamente, disciplinava-se todas as noites e trazia um aspero cilicio. Carregado de cilicio e de trabalhos prostrava-se perante a Magestade divina e offerecia-se em holocausto pelos peccados dos seus caros indios. Era um pae afadigado em satisfazer ás dividas dos filhos do seu amôr.

Deus veio em auxilio do Apostolo do amor, com o dom extraordinario dos milagres.

Se ao atravessar as florestas, caudalosos rios lhe estorvam a passagem, estende o manto na agua e navega para a outra margem. Se é um abysmo que lhe tolhe a passagem, o Anjo da Guarda passa-o para a outra banda; se é um animal feroz que tenta engulil-o lança-lhe ao pescoço o cordão e tral o para o povoado; se é a sêde que o aperta nas longas viagens, faz borbulhar nascentes de agua.

Mas era em favor dos seus caros indios que elle mais importunava o ceu. Se nuvens densas de gafanhotos cahem sobre as suas propriedades, esconjura as em nome de Deus; se lhe morrem á sêde por causa da estiagem, faz correr torrentes de fresca agua; se agonizam no hospital e correm perigo de passar para a outra vida sem sacramentos por causa da difficuldade da linguagem de que não tem estudo, chega-se a elles, sacramenta-os e assiste-lhes e intendem-no.

Um dia estando n'uma igreja de Rioxa nos officios divinos com os seus caros indios ouviu se alarido de guerra. Dizem-lhe que é um exercito de barbaros que lhos vem matar. Francisco sae ao seu encontro com o crucifixo do naufragio na mão, fala aos inimigos sobre a paz. As tropas que eram compostas de muitas tribus de linguas distinctas entendem a sua eloquencia e mais de nove mil pedem o baptismo.

Este interesse e zelo mais que maternal que o Santo tinha pelo bem estar physico e moral dos indigenas, a sua doçura, e carinho de pae para com todos os enfermos que visitava nas choças, e para com os necessitados que não deixava sem soccorro, a bondade afavel que lhe resplandecia sempre no semblante — a realidade do seu grande coração — captivava, attrahia a todos para si, e bastava significar a sua vontade para ser obedecido.

Se topava tribus desconhecidas em que não era conhecido ainda, cuja ferocidade e costumes dissolutos inutilisavam a sua prégação, pegava n'um instrumento musico que sabia tocar e acompanhava varias canções religiosas, com tal encanto que os barbaros extasiados rodeavam-no com pasmo, familiarizavam-se com elle e sem no pensar estavam ganhos pelo apostolo do amor para Christo: eram d'elle e de Jesus.

A difficuldade de entender a lingua das muitas tribus que atravessava não extorvava o seu zelo: todas o entendiam.

Tão pouco o impeceu a nomeação para Custodio dos conventos franciscanos do Tucuman e do Paraguay.

Francisco tinha merecido já o titulo que mais tarde lhe daria a Historia: *Thaumaturgo do Novo Mundo*, e a Providencia queria que elle merecesse tambem o de *Apostolo do Perú*.

Terminado o trienio de Custodio elegeram-no para guardião do convento de Lima. Deus sabe com quantas saudades deixou os seus caros filhos que creara e alimentara para o ceu, e que o cercaram de prantos, e instaram com os superiores, para que lhe não tirassem o pae que tanto amavam.

Foi eleito successivamente guardião do convento de Trunxillo e do de Nossa Senhora dos Anjos por duas vezes.

Estes cargos não lhe enfraqueceram o zelo apostolico.

No Perú havia tambem miseraveis que era necessario ganhar para Deus.

Com o crucifixo do naufragio na mão, prégava nas praças publicas ás multidões que se desfaziam em lagrimas ao ouvirem a unção com que fallava da paixão de Jesus Christo. Entrava nas casas de baile, de espectaculos, nos ajuntamentos

mundanos e prégava com eloquencia divina a paixão do seu Jesus e ninguem lhe recusava a attenção e bem poucos o coração. Parecia que do crucifixo do naufragio saiam raios de virtude celeste que abrandava e prendia as almas mais mundanas.

A Providencia Divina servia-se até de estratagemas particulares para dar mais força ao Apostolo propagador da sua gloria.

Em 1604 prégava o santo na praça publica de Lima. O thema do sermão foram os crimes dos cidadãos.

Comparou a alma em peccado a uma cidade em ruinas, prestes a vir ás mãos dos inimigos que lhe fazem assedio. A eloquencia do Santo aterrorisou o auditorio. A cidade inteira correu por alguns dias para a igreja do convento a reconciliar-se com Deus. Depois da penitencia de Nineve diz um historiador, não viu o mundo conversão tão universal e sincera.

O vice-rei atonito com o que se passava, e mais pelo que se dizia, correu a inquirir do arcebispo de Lima e do provincial o sentido das palavras do santo Frei Francisco, porque o povo dizia unanimemente que elle predissera a proxima ruina da cidade.

O santo respondeu ingenuamente que não teve em vista senão descrever a ruina moral em que estavam os habitantes de Lima e o fim que os esperava se não fizessem penitencia.

—Foi o dedo de Deus que se metteu aqui!— disse o vice-rei com persuasão. Se é que não foram as chagas do crucifixo do naufragio.

Muitas vezes ficava extático no meio da prégação, nimbado de folgor celeste, e predizia as futuras calamidades.

Prégando na festa de S Diogo no convento de Trunxillo annunciou a destruição d'esta cidade, acrescentando que os muros d'aquella igreja viriam a terra, mas que o pulpito ficaria de pé.

Havia oito annos que o santo morrera e em 1618, um violento tremor de terra arrasa quasi toda a cidade. Uma velhinha que orava na igreja do convento, lembrando-se da prophecia do Santo, corre a agasalhar-se debaixo do pulpito e escapa ao terremoto.

No meio de tantas fadigas tinha um unico recreio o santo, com que se distrahia de vez em quando. Era acompanhar deante da imagem de Nossa Senhora, no seu instrumento musico, canções que elle mesmo improvisava á Virgem.

Ha vinte annos que o Santo evangeliza o Novo Mundo. A rudeza da disciplina e dos cilicios, a prolongação dos jejuns, as fadigas do seu ministerio, tinham-lhe roubado as forças. O santo contava sessenta annos de edade.

Todos diziam com magua que Frei Francisco não ia longe; que Deus o esperava brevemente no ceu para o coroar de gloria.

São prophecias os temores dos corações amantes.

Entrara-se no verão de 1710. Francisco era muito devoto de S. Boaventura e esperava, segundo predicera, morrer no dia de sua festa.

Amanheceu o dia 14 de Julho. O santo pediu os ultimos sacramentos e quando por alta manhã tocavam na igreja á elevação da missa da festa, Francisco levantou os olhos ao ceu e com doce meiguice pranunciou pela ultima vez a jaculatoria que trazia sempre nos labios.

Deus seja bemdito.

Morreu.

No dia 13 as dignidades civis, militares e ecclesiasticas, com toda a cidade, assistiam aos funeraes. A honra de pegar ao feretro chegou a poucos, porque os primeiros dignatarios a ambicionavam.

O P. Sebastiani, da Companhia de Jesus, na oração funebre pronunciada nos funeraes do Santo, resumiu o apostolado de Francisco Solano n'estas verdadeiras palavras: «Deus escolheu a Francisco Solano para ser a esperança e a edificação de todo o Perú, exemplo e illustração de Lima e o explendor da Ordem Seraphica.»

VIRTUDE PARA IMITAR

Uma reflexão. — *A' virtude para imitar* que vimos tratando, creio que desde outubro, podiamos, e deviamos juntar para concluir o tratado da *penitencia*, a mortificação da lingua, d'este musculo do corpo humano tão pequeno mas que tanto mal faz á nossa vida civil e moral. Mas a maior parte dos meus leitores, que bem poucos serão, já hão de estar fartos de penitentia, principalmente agora na epocha balnear, em que todos os que teem alguns vintens para gastar procuram á beira mar refregerio não a doenças, mas ao calor que os penitencia.

Darei pois por concluido o assumpto, limitando me por agora a uma curta reflexão.

A maior parte das almas piedosas, que pensam em perfeição christã, e para quem sómente escrevo, terão dito comsigo durante a leitura do *Espirito de penitencia;* «se isto é assim muito temos que andar!» E' verdade muito têem para andar!» Ser mortificado, penitente, não é trabalho de um anno. E' necessario saber-se primeiro bem em que consiste a mortificação das nossas potencias interiores, e dos nossos sentidos carnaes, depois reflexionarmos sobre nós mesmos, sobre a nossa conducta diaria para vermos em que circumstancias precisas do dia devamos usar d'este ou d'aquelle acto de mortificação, segundo os trabalhos em que tivermos de nos occupar; é necessario conhecermo-nos bem, e para isto examinarmos as nossas inclinações para o mal, ou aquelle genero de faltas que nos é mais habitual e dirigirmos para ahi a mortificação apropriada.

E isto demanda estudo da doutrina mystica, leitura dos bons livros de espirito, e estudo de nós mesmos. Sem estes dois estudos nada faremos.

Uma grande parte das pessoas piedosas, occupam todo o tempo que pódem roubar ás suas occupações em rezas e orações: no seu oratorio não ha senão rosarios e devocionarios de preces, um bom livro onde se ensine o caminho da vida perfeita, onde se ensine a ser santo, não se depara alli; e é até difficil impingir a estas pessoas leitura d'esta. Ora a sciencia da perfeição, a arte de ser santo não é das mais faceis, e exige um curso de estudo attento, reflexionado e continuo,

curso que se não faz a enfiar rosarios e estações uem a pegar novenas interminaveis.

— Então não se deve rezar?

Deve-se rezar para implorarmos de Deus a ajuda para a nossa fraqueza, mas não se deve *só rezar*, é necessario *obrar*, e para obrar bem, é necessario saber-lhe o como, estudar-lhe o modo. Ou esperaes que Deus venha inspirar-vos, ensinar-vos por si mesmo o caminho da perfeição christã?

Provem d'este *piedoso desnorteamento*, o fallar o mundo, e muitas vezes com alguma razão, d'estas e d'aquellas piedosas rezadeiras, muito fervorosas diante do altar com o seu rosario na mão mas pouco prudentes, e exemplares cá fóra, na vida pratica, nas relações com o proximo, em que a verdadeira piedosa brilha e conquista os seus triumphos, em que o christão perfeito se destaca do que não é.

O mundo não quer saber das nossas rezas, mas do nosso bom exemplo, e mesmo Deus não nos perguntará pelos nossos rosarios e novenas mas pela nossa caridade, humildade, pelo cumprimento dos nossos deveres — pelas nossas obras. —

Que dirieis d'uma pessoa que se dissesse muito amiga de outra e na presença se desfizesse em protestos de affeição e reconhecimento, e depois em deixando a sua companhia murmurasse d'ella, assoalha-se os seus defeitos, burlasse do seu caracter?

E não é um crime similhante querermos passar, como devotos da Senhora do Carmo, das Dôres, da Conceição, de S. Antonio e de S. Francisco,... de todos os santos, massarmos a nossa mesma paciencia com rezas a estes santos, e depois na vida pratica vir deshonra-los com as nossas obras? Não é o mau porte de um filho a vergonha do pae e da familia?

O unico meio de honrarmos os santos nossos patronos é o nosso bom porte religioso, e é para isto que lhes rezamos, que lhe pedimos o seu patrocinio. Não confundamos o fim com os meios. Ora, repetimo-lo ainda uma vez mais, não podemos honrar os santos de quem dizemos ser devotos, não podemos honrar Jesus que recebemos quasi todos os dias, — não podemos dar bom exemplo — sem sabermos como, sem estudarmos.

A leitura espiritual concentra o nosso espirito, dá-nos a conhecer o pouco que somos, o muito que temos que fazer para valermos alguma coisa perante Deus, descobre-nos as nossas faltas, as nossas fraquezas de caracter, ensina-nos o porte religioso e civil que devemos ter; nos negocios importantes inspira-nos a prudencia necessaria, faz-nos recolhidos e amigos da solidão e do retiro,

N'uma palavra as pessoas piedosas devem rezar alguma coisa, mas lêr muito, instruir-se muito, para saberem dar muito bom exemplo a quem olha para ellas.

Foi para isto que esclareci um pouco longamente este tratado do espirito de penitencia, sem o qual se inutilisa todo e qualquer esforço que façamos para sermos perfeitos. Praza aos ceus que os poucos leitores que teem a paciencia de me ler se instruam n'este ponto cardeal para a sua vida de espirito.

Indulgencias plenarias

1.ª — Jubileu da Porciuncula

2.ª — 16 de agosto dia de S. Roque.

3.ª — 19 de agosto, dia de S. Luiz bispo de Tolosa protector da juventude.

4.ª — 15 de agosto festa da Assumpção de Nossa Senhora.

Secção historica

A THESE SOCIAL

O HOMEM pensador, que está habituado a sondar a natureza das coisas pelo prisma infallivel da recta razão, do bom senso e do estudo serio, perante o movimento actual dos espiritos, deve confessar, com a independencia d'uma convicção mascula, que uma ponderosa *questão* — agita as respeitaveis phalanges dos sabios contemporaneos.

Quem o acoimasse por este motivo com o insultuoso qualificativo de visionario ou fanatico, daria *ipso facto* uma prova indeficiente da sua anormalidade mental.

Antes que, porém, entre de chofre na medulla da these, releva que preliminarmente eu faça uma digressão amena pelas campinas da moderna ideologia.

A historia das ideias é ainda hoje um terreno bastante inculto sob o ponto de vista metaphysico-social.

Em que pese ao seculo do *vapor* e do *telegrapho sem fios*, podemos aventurar que a lealdade e probidade scientifica escasseiam na orientação intellectual, por elles afoutamente attingida.

«O sabio e o christão, disse Fonsegri-«ve, caminham ambos com a mesma alma «para a mesma Verdade; o sabio só com a «alma intellectual, o christão com a alma «inteira.»

Afastando-se d'este ideal, baniram do campo da invenção e da hypothese o *principio-director* das actividades humanas.

A revelação d'este principio cabe no dominio hierarchico das ideias puras, que só o christianismo sabe insuflar no espirito docil dos obreiros da civilisação evangelica.

Ora a *aberração* da sciencia é um facto tão experimental que seria ocioso pretender demonstral-o.

O sceptico, a não sujeitar-se ao testemunho veridico das nossas affirmações, examine por si mesmo o fundamento que temos para nos exprimir-m'os d'est'arte, levantando o lençol de poeira, estendido por de sobre os assustadores *in-folios*, que condensam os conhecimentos humanos desde ha uma centuria a esta parte.

A *ideia*-Deus, o eixo a cujo impulso manobram as demais ideias subalternas, tristissimo é dizel-o! sepultaram-na no limbo das antigualhas, e no frontispicio da historia escreveram:

«Non est Deus.»

O paganismo voltou á liça, a anarchia, o atheismo, o individualismo, o positivismo marcaram epocha, ostentando um sambenito de solidariedade anti-humanitaria, anti-politica, anti-racional.

A tempestade despenhou-se das nuvens. Os raios formigueam nos espaços, a revolução assesta os seus canhões, baralham-se os negocios das nações alliadas, os povos estalam de furor, armam-se até aos dentes pedindo contas da má administração dos governantes, pelas ruas de Pariz as ondas de sangue rubro, *immoralmente* rubro, esbatem-se de encontro ás paredes retinctas, os echos revolucionarios repercutem-se ao longe, a proclamação da *Deusa prostituta* em Notre Dame succede-se ao enterro da liberdade grandiosa do christianismo, e... soltou-se a besta-infernal, desiquilibrou-se a machina humana, sobre suas ruinas assentou-se vanglorioso o anjo exterminador, o anjo das discordias e da indisciplina attentatoria dos direitos *divino-humanos*.....

O' meu seculo! Maldito sejas! Fizeste *bambalear* o berço sagrado da fé maternal, onde fui coroado de beijos e meiguices que tanto calaram no fundo de minha vida infantil.

Maldito sejas! Assacaste a minha Mãe a Egreja Immaculada os epithetos selvagens de imbecil, retrograda e anti-liberal.

Para te elevares ás cuspides das glorias ephemeras e pedantescas, chamastes ás feras devoradoras as personagens illibadas que no orbe catholico representam o espiritualismo da santidade e da sciencia—o diadema que fulgura na fronte dos arautas, dos evangelisadores da *Verdade*.

Cuspiste na Cruz, cuspiste na Biblia, cuspiste em... ti mesmo.

O' seculo das furias estarrece perante o mar revolto da incredulidade delirante!

.....

E pur si muove! diremos com Galileu, com Newton, com Cauchy, com Bacon, com Leibnitz, com S. Agostinho.

As trevas do erro e supina ignorancia desapparecem de subito.

Os arreboes da Verdade perseguida evocam á vida e ao trabalho pela liberdade das ideias christãs, accendem-se os phanaes da sciencia.

Paz!.....

O arrependimento esmaga a hydra do remorso. Ante as aras do altar dobram joelho compungidos a formosa grei dos sabios hallucinados.

Brunetiére, n'um assomo de enthusiasmo que decide a sua famosa conversão, grita ao mundo scientifico attonito, que a *sciencia* acaba de soffrer *escandalosamente* a mais humiliante *bancarrota*.

Os correligionarios convulsionam-se, protestam, levantam uma celeuma de *seiscentas bagatellas*, mas alfim todos á compita repetem o aphorismo de Voltaire:

«L'univers m'embarasse,
et je ne puis songer,
«que cette horloge existe et
n'ait point d'horloger.»

As barreiras da duvida, do scepticismo terraplanam-se, e a corrente do espiritualismo christão não encontra o minimo obstaculo. Os jornaes de extracção mais lata reformam em parte os seus axiomas jornalisticos, as revistas empregnam se d'um religioso sabor, os homens de *criterio* e *estudo* retomam as armas de combate, e vão digladiar-se com os inimigos que lá fóra vomitam sarcasmos, babando-se covardemente.

Os pygmeus!... da giria.

O observador interroga agora os factos em busca d'uma explicacão racional e critica á situação, aferindo o passado e o futuro pelo diapasão da logica auxiliada pelo bom senso.

Todos os effeitos, diz a philosophia, presuppõem a existencia de causas determinantes.

As ideias homogeneas produzem effeitos, mais graphicamente, factos homogeneos, como as heterogeneas produzem factos de ordem identica á causa.

Isto assente e incontestado, não hesitamos em defender, sem perigo de nos *ouropeisar o monstro-sereia* do erro embaucador, que as *ideias* são para os povos e os individuos, como as *alavancas* eram para Archimedes — armas de vida ou de morte.

A difficuldade maior subsiste ameaçadora, quando se ignora o *ponto de appoio*.

Uma vez descoberto, nada embarga o movimento fatal para progredir ou, para retroceder. E' lei da historia — a luz *da verdade*, na mente de Cicero, a *fonte do saber mais fertil*, diz por seu turno, Cantu.

A sociedade d'hoje, dizia ha cincoenta annos Balmes, assemelha-se a uma mulher ataviando-se ante o espelho de sua toilette.

Tudo emprehende, menos a *educação* pelas ideias fundamentaes no organismo social; viagens, recreios, leituras frivolas, projectos vagos, *somniferos*, questões finalmente de *lana caprina* é a sua quotidiana occupação.

Pensa-se a vapor, escreve-se a vapor, forjam se planos inuteis a vapor, fomenta-se a ideia do christianismo a vapor, escoucea-se contra o aguilhão da mortificação christã a vapor, atroam os ares com o grito a vapor: Viva o throno! Abaixo o throno! Viva o Papa-Rei! Abaixo o Papa-Rei!

Viva a liberdade, a igualdade e a fraternidade!

Abaixo a triplice couraça dos ultramontanistas! A vapor!

Eu, por minha vez, direi do meu aposento: Viva a *pandega*.

Repete a turba-chula das esquinas, parcellas repellentes da geração actual: *Viva tambem!*

(*Continúa*)

OLYMPIUS.

PENSAMENTOS

Proverbios de Czar da Russia.

—A corôa não livra o Czar da enxaqueca.

—O Czar será primo de Deus, mas não seu irmão.

—A voz do Czar faz echo sempre; até nas planuras sem montanhas.

—Uma lagrima do imperador custa ao paiz muitas duzias de lenços.

—Quando o Czar poetisa, pobres dos poetas verdadeiros!

—Se o Czar tem variola, o paiz soffre a febre.

—Se o Czar dá um ovo, espera uma gallinha.

Não estão mal. Vamos .. que a experiencia tambem é mestra dos reis.

*

O que é a politica?

—Mythologicamente é a caixa de Paudora ou o tonel das Danaides.

—Architectonicamente é a torre de Babel ou o labirintho de Creta.

—Geographicamente é um mar tempestuoso, que só tem dois portos: o carcere e o capitolio.

—Artisticamente é um theatro comico-dramatico, onde todos querem fazer o papel de representantes do povo,

—Bellicamente, é uma espada de tres fios, que com o primeiro corta quem a esgrime; com o segundo, o contendente; com o terceiro, o mediador; e com todos tres, a pobre patria.

Um gastronomo ajunta;

—A politica é um rico pastel que o povo paga, que se cose ao calor das paixões, e que os mais finorios comem tranquillamente, rindo-se da candidez d'uns e do fiasco d'outros.

O homem mais velho do mundo.

Indubitavelmente o homem mais velho do mundo é Manuel del Valle, residente em Meute Park (California); completou agora 157 annos.

Manuel del Valle tem provas legaes da sua idade. Em muitos casos de supposta longevidade, graves duvidas se teem suscitado a respeito da authenticidade da data de varios nascimentos, porém Manuel del Valle conserva ainda a certidão do seu baptismo firmada pelo chefe politico de Zacatecas (no Mexico).

O certificado que prova que Manuel del Valle nasceu em Zacatecas no dia 24 de novembro de 1745, está corroborado nos Archivos da Aduana Mexicana, onde este foi empregado durante largos annos.

Se não fossem as provas dadas, seria quasi incrivel que um ser humano chegasse a uma idade tão extraordinaria.

Quando Napolião foi derrotado em Waterlós era já um velho de 67 annos.

Dezenove annos antes de principiar a guerra Mexicana, quando se despedia dos seus negócios completava então 88 annos,

Em 1845, quando tinha justamente um seculo, Valle estabeleceu se com seus parentes na que é agora cidade de S. Francisco.

Desde então, tem vivido em casa de D. José del Valle, seu tataraneto.

Manuel del Valle representa bem a sua idade. E' um homem pequeno, secco, corcunda, em cuja posição mede só cinco pés de alto e pesa noventa libras. Anda sem Cirineu, e dá uma volta diaria ao redor da casa.

Tem a vista já muito escassa, mas ouve bem. Nunca mostrou grande interesse pelos successos humanos.

E' muito sobrio; nunca bebeu licôres, nem sabe fumar.

Regeitou sempre os alimentos solidos, nutrindo-se com caldos, e está quasi sempre senta-

do á soalheira, a cuja influencia, como elle diz, deve a sua larga vida.

(Ai multos annos!...)

*

Morre um embusteiro, um d'estes farçantes que não dizem uma verdade em toda a sua vida. Ao leval o para o cemiterio a viuva d'elle desfaz se em agua.

— Adeus corpinho cheio de verdades!...

— Como, mulher! Se elle em toda a vida não disse uma só?

— Por isso, as leva todas no corpo, — contestou a viuva.

*

Um ladrão é levado ao tribunal.

— Senhor Juiz, o meu advogado não veio, peço pois o favor de julgar favoravelmente da minha causa.

— Como? Pois se foi apanhado em flagrante, o que dizia o seu advogado?

— E' precisamente o que eu desejava saber.

Leituras amenas

Se eu tivesse mãe!...

I

Edylio

FRESCA e formosa vae a manhã de maio.

No ceu limpido, de purissimo azul, ostenta-se o sol derramando sobre o valle ondas de luz esplendida. Pouco a pouco se desvanece ao longe a neblina que envolve as montanhas com sua impalpavel gaze, atravez da qual faz luzir o bosque todo o verdor e louçania de suas folhas novas; brilham, reflectindo iriadas cores os fios subtis das teias de aranha, ondulando pelo ar, e as gotas de rocio, bailando no calix das flores; suspendem os sentidos de mil diversas maneiras o chilrear dos passaros nas arvores e o zumbir dos insectos nos remansos da ribeira, que murmura suavemente emquanto vae coleando na extensa pradaria, brilhante de verde esmeralda, salpicada de margaritas com seus dourados botões, e sua coroa de folhas brancas bordadas de encarnado. Tudo é luz e aromas, canticos e rumores, movimento e vida, no mimoso valle onde se assenta uma importante vila da Provincia de Soria.

Ligeiros como mariposas percorrem o campo um menino e uma menina de curtos annos. Basta olhar-lhes para o rosto para adivinhar que são irmãos. Ambos lindissimos como um par de brincos, com formosa cabelleira esmeradamente penteada e cujos anneis se agitam suavemente com seus rapidos movimentos. Cada um com seu par de olhos azues como o céo, innocentes como os d'um anjo, brilhantes como o reflexo que lhes empresta a felicidade, ambos corados e brancos, alegres e folgados, lavadinhos, e vestidos modestamente, porém tão limpos que bem indicam a solicita intervenção de mãe carinhosa.

—Angelo, *vamos apanhar rositas*—dizia a menina com um gracioso zetear dos dentes, e não menos graciosa meia lingua.

—Sim, a apanhar rositas para a Virgem — respondeu, começando a operação, o menino.

— E' boa a *Virgem*, Angelo?

— Sim, Seraphina, que já o tem dito a mamã.

— E ella quer-nos muito?

— Sim, ella quer muito aos meninos que são bons.

— Vamos nós tambem a querer-lho muito.

— Eu já lhe quero muito, e tu?

— Eu tambem.

— Quanto?

— Muito, muito.

— Como á mamã.

— Sim, e como ao papá.

— E como a mim?

— Tambem.

— E a mim me queres muito?

— A ti muito, muito, muito.

— Porquê?

— Porque diz a mamã que ella quer muito aos anginhos, como tu.

— E' muito bonita a Virgem, não é Seraphina?

— E a mamã quer-lhe muito, e outro dia poz-lhe umas rosas... Hui! que *gentil* que ficou!

— Tambem hoje ficará gentil com estas rosas; tu verás.

E batendo palmas de alegria ao pensar em como ficaria bonita a Virgem com aquellas *rosas*, como costumam chamar os

meninos a todo o genero de flores, ao modo que chamam *bicho* a todo o genero de insectos e animaes, começaram a apanhar margaridas que a menina amontuava no seu aventalsito.

A uma varanda de madeira que dava para o campo assomou uma senhora joven, de formosas feições. Era loura, de olhos azues como os meninos que contemplou por espaços com delicia e carinhoso sorriso, depois chamou-os.

— Seraphina!... Angelinho! .. Vamos a almoçar, meus filhos; andae que são horas.

Tinha aquella voz um timbre purissimo, e algo da doçura da rola uma inflexão suave e amavel, que só tem a voz das mães.

Os pequenitos recolheram as flores, e dando-se a mão, treparam a escada que subia para a varanda, onde sua mãe os recebeu com ternos abraços e osculos pondo em ordem alguma guedelhita que se tinha desalinhado, limpando-lhe o nariz, ajeitando alguma ruga do vestido, sacudindo o menor signal de pó que descobria, enchendo-os emfim d'essas solicitudes e caricias que conhecem as mães, e travando com elles essas interminaveis e amorosas conversas proprias d'ellas e das creanças e que só ellas sabem sustentar Depois entraram para a saleta, singella, mas cuidadosamente mobilada, com duas caixas, uma mesa com sua coberta verde, seis cadeiras ordinarias, suas cortinas brancas, limpas e esmeradamente engomadas, seguras no lado inferior com dois lindos cravos romanos e que cerravam a alcova matrimonial; ao outro lado outras duas cortinas encarnadas, cerrando outra alcova para os meninos. Entre as duas alcovas está a porta que communica para a cosinha, dispensa e mais dependencias da casa, e em frente d'ella uma outra porta envidraçada que dá para a varanda. N'um dos angulos da sala ha uma commoda com graciosos embutidos sobre a qual estão dois copos de vidro com flôres deante d'uma pequena imagem de gesso de Nossa Senhora do Pilar. Alguns quadros com molduras douradas representando episodios da vida de Santa Genoveva e um espelho do mesmo gosto cobrem a parede principal da habitação; e nas duas paredes lateraes estão dependurados outros dois quadros, em posição diagonal, com luxuosa moldura de nogueira, e tambom com embutidos de pinho, perfeitamente envernisados, um da Veneravel Madre Maria de Jesus de Ágreda, illustre patricia de Soria, por quem aquella terra nutre grande devoção, e o outro de S. Saturio patrono e originario da mesma. Sobre a porta da entrada ha um quadro de moldura preta do Santo Christo de Burgos.

Todos os quadros são objectos da devoção dos felizes moradores da casa. Porém a Virgem do Pilar é a quem professam especial carinho, como indicam as flôres que lhe rodeiam a imagem.

Andreia tomou as margaridas que traziam os seus filhos e escolhendo os que tinham *rabo comprido*, como diziam os tres, formou dois ramalhetes que metteu em outros dois copos d'agua e collocou-os aos lados da Virgem. Desviou-se para contemplar o effeito de sua obra, e os meninos saltaram de alegria ao vêr *o gentil* que estava a Virgem.

— Meus filhos, — a Virgem é muito boa, muito boa e quer muito aos meninos.

— Tem um menino muito bonito, mamã.

— Esse menino é d'ella, minha filha, e é Deus, e ella quer-lhe muito... e um dia quando o menino tinha crescido, e se tinha feito homem, vieram os judeus e mataram-lho.

— Que maus, que foram, mamã.

— Como o puzeram, filha, como é que o puzeram!

— Assim... respondeu a menina, olhando o Santo Christo de Burgos e estendendo os braços.

— E como faziam os judeus, Angelinho.

— Assim: — E torcia a bocca e os olhos e levantando as mãos na attitude ameaçadora das figuras, que tinha visto na igreja.

— E a vêr tu, Seraphina, a vêr se sabes como estava a Virgem quando lhe matavam o filho.

— Chorava e com sete espadas cravadas no peito e assim... — E cruzava os dedos levantando ao céo os olhos na mesma attitude em que pintam a Virgem Dolorosa.

— Chorava a pobresinha porque lhe matavam o seu menino... Ella que lhe queria tanto! E era innocente, meus filhos, e mataram-no porque nós somos maus... E desde então a Virgem é mãe de todos os homens, porque lh'os encommendou o seu

menino quando morreu... e tem muita pena dos pobresinhos e desgraçados, e quando choram, ella consola-os.

— Mas ella não chora, mamã. — Observou o menino.

— Não, filho, porque o seu menino que é Deus, levou-a para o céo, e lá tudo o que pede a Virgem, lh'o concede... Porém tambem chora quando os meninos são maus, porque lhes quer muito e quer que sejam bons.

— Nós seremos bons para qne a Virgem não chore, sim Seraphina?

— Sim. Olha, mamã, a Virgem está-se a rir e o menino tambem.

— Porque sois bons meninos. Mas se fizesseis alguma coisa mal feita vereis como choram os dois.

— Não a faremos mamã.

— Que fareis, então?

— Resar muito á Virgem, — responderam á uma os dois anjos.

— A vêr se sabeis?

Angelito e Seraphina puzeram-se de joelhos com sua mãe deante da Virgem, com as mãositas juntas, e os tres rezaram a *Salvé Rainha*.

II

— Jesus, Jesus! Mas, ó mulher,... mas Andreia... mas Jesus... Estás a dormir, ou que fazes? Virgem Santissima, que pachorra anda n'esta casa!... Cá p'r'ó meu genio!... ao meu defuncto, haviam de lhe ir com essas!... Jesus que tinha um genio como a polvora!...

Assim vinha resando pelo corredor adeante até á sala, uma ancião, de rosto enxuto, cabello grisalho que saia por debaixo do lenço, que vinha ageitando sobre a testa atando as pontas por debaixo do queixo.

— Avósinha, avósinha! — gritaram os meninos correndo ao seu encontro.

— Bem o dizia eu. — Resmungou a avó. — E' o que eu digo, — feita para ahi uma boba com as creanças que é mesmo... e o almoço que arrefeceu. — E depois as culpas á tia *Meregilda*... Mas, Jesus, mulher que tens menos juizo que as creaturas! — accrescentou ao vêr Andreia de joelhos.

— Não é coisa para se apoquentar tanto, minha mãe.

— Jesus! — exclamou a tia *Meregilda* tornando a atar o lenço sem necessidade. — E a mesa posta ha tres horas...

— Estavamos resando á Virgem avósinha, disse o Angelinho.

— Isso bom é; porém cada coisa a seu tempo, e os nabos no advento, Andreia... Não... e a verdade é que a Virgem é bonita... Jesus, se é bonita!...

E aqui a boa da avó começou com os meninos outro dialogo interminavel, ácerca das excellencias da Virgem e do menino a quem deu ruidosos beijos e muitos chiados, entre um milhão de exclamações, fazendo que tambem os meninos beijassem ambos as imagens.

— Vamos minha mãe, que agora não sou eu a que tardo.

— Cala-te, mulher, cala-te; que esta Virgem e estas creaturas fazem-me louca, louca, nem mais, nem menos.

Antes de passar adeante, devo pôr em teu conhecimento, amigo leitor que Andreia é esposa d'um honrado carpinteiro.

Emquanto se passava este romance de amores na saleta ouvia-se nos aposentos terreos um cantar pegado e alegre de um baritono acompanhado com o bater do martelo agora e logo com o cortar da enxó.

— Olhae, como canta o vosso pae, meus amores.

— Canta a avosinha; vamos vêr o quadro que está a fazer, Ha-de ficar mais lindo que aquelle, não ha-de avosinha? — E o pequenito apontava para um dos quadros de S. Genoveva.

— Fica, meu amor, fica, porque o papá é um mestre, é um ébanista de marca.

— Ide chama-lo para o almoço, correi.

(Continúa).

Os dois lirios

No velho catre, olhos cerrados, faces afogueadas pela febre, respiração forçada e lenta, jaz prostrada n'um oceano de dores uma mulher, que representa trinta e cinco a quarenta annos de edade. Ao pé do leito assentada n'uma cadeirinha vê-se uma linda creança, que poderá ter, quando muito treze primaveras. Apenas, se ouve o respirar lento da enferma, e as

lagrimas acompanhadas de leves gemidos a escoarem-se ligeiras pelas faces da encantadora menina.

A um canto do estreito quarto um crucifixo de madeira allumiado por uma alampada quasi apagada. Só se ouve de espaço a espaço o bramir do oceano lá ao longe, e os gemidos do vento, que entra impunemente pelas fisgas da janella.

E' meia noite. A doente descerrou as palpebras, e vibrou uns sons confusos, que foram perder-se na escuridão da noite. Cobrou novos alentos e pôde balbuciar a muito custo com voz recortada, que era o prenuncio fatal de qualquer desenlace triste, que brevemente ia deixar um ente estremecido votado aos caprichos da fortuna:

— Minha filha!

— Minha mãe, estou aqui á sua beira... respondeu a filha.

— Nem te via, filha. Conchega-te bem commigo; quero fallar-te, mas não posso quasi... Farei um ultimo esforço, dar-te-hei os meus ultimos conselhos...

— Os ultimos?! balbuciou a creança debulhada em lagrimas.

— Sim, filha, são os ultimos avisos de uma mãe, que te adora e ama; oh!... são os ultimos, filha, são; sinto-me morrer, os meus dias não serão muitos, estou d'isso convencida.

— Ai, minha mãesinha, não me falle assim, que me mata... Morrer já?! E eu tão creança e sem a experiencia do mundo fico á mercê da sorte? Isso póde lá ser?! Valha-me Deus!...

N'este comenos abraçaram-se mãe e filha; o que fallaram aquelles dous corações, o que aquellas duas almas se communicaram, é mysterio, que não queremos devassar, é segredo, que só dous entes acostumados a entender-se poderão perceber; se comtudo quizeramos penetrar no sanctuario intimo d'aquelles peitos facil nos fôra descortinar os sentimentos, que lá iam. Mas deixemos, deixemos n'esse fallar intimo mãe e filha; deixemos que esses corações se abram e se communiquem a sós; entrementes leitor, faze commigo uma bem cabida digressão.

Mãe!... Quem ha ahi, que não tenha balbuciado, ao menos uma vez na vida, o doce nome de mãe?

Mãe!... Celeste nuvem, que guias na senda da vida os passos tremulos do infante, eu te saudo!

Mãe!... Anjo bemfazejo que vertes no coração, que começa a desabrochar para a vida, o balsamo precioso do bem, salve! Salve, ó doce memoria da minha mãe!

Um dia — não tinha eu quatro annos ainda — estava minha mãe no leito da dôr; acheguei-me a ella com aquelle sorrir ledo e sincero da infancia; nos labios amortecidos vacillava-lhe um sorriso, um d'esses sorrisos, que minha mãe tinha, e tremiam-lhe nas palpebras duas lagrimas, que eu com meus olhinhos de quatro annos bem vi; n'aquella simpleza e innocencia continuava eu a sorrir, a sorrir... Brincava-me nos labios, nos olhos, em tudo uma alegria innocente, mas minha mãe soffria, soffria muito, e eu não sabia ainda o que fosse soffrer.

Então estreitou-me minha mãe entre seus braços já debeis e deu-me um longo beijo na face; queimava, tão do intimo tinha saido aquelle adeus derradeiro, e eu sorri-lhe ainda uma vez quando vi, que chorava duas lagrimas ardentes, e fitando em mim os olhos, que ainda não tinham perdido de todo a viveza, que lhes era tão propria, articulou algumas palavras, que não entendi talvez. Foi o ultimo aquelle beijo; recordo-me — não me acreditarás, leitor, e comtudo é verdade — recordo-me, que foi o ultimo; a morte estava em pé á cabeceira do leito de minha mãe, e passados dias, qual implacavel ceifeira, segou o fio tenue d'aquella existencia, que eu mais amava.

Não chorei; não sabia o que era morrer, não me preoccupava o futuro, vivia só do presente; quando, porém, a minha existencia, como rosa em botão, começou a desabrochar para a vida, quando passou a bella quadra das illusões e puz o pé timido no mundo da realidade, que arfava no tumultuar surdo das paixões similhante ao estampido rouco do oceano por noite de tempestade, achei-me sem um arrimo aos meus passos vacillantes e tremulos, e chorei; era já tarde...

Quantas vezes ainda hoje no sillencio da minha cella, ou contemplando á noite o céo semeado de estrellas vejo luzir na tela do passado, que se me afigura um sonho, ou saudosa visão, o vulto de minha mãe, e o innocente viver de meus verdes annos,

e o coração é forçado a dizer-me e a repetir-me: não volta mais! E eu fico a scismar por horas largas. Que me resta agora? A saudade.

Saudade! gosto amargo de infelizes
Delicioso pungir de acerbo espinho
Que me estás repassando o intimo peito
Com dôr, que os seios d'alma dilacera. . (1)

Mas que tenho eu com isso? Ouço eu agora os reparos d'um leitor impertinente.

Nada, leitor, não tens nada; são reminiscencias do meu tempo de creança, são reminiscencias d'esse ente adorado, que de tamanino perdi, e cuja physionomia tenho bem gravada aqui no meu coração desde os quatro annos, e que — ia jural o — saberia reconhecer ainda em qualquer parte do mundo.

Salve, ó edade dos meus quatro annos! O' doce memoria de minha mãe, salve!

— Ai, filha do meu coração! disse por fim a doente.

— Que é, minha mãe, o que é?

— Eu sei lá, filha... Aterra-me o teu futuro; não sei que ha de ser de ti sem mim; condoio-me de ti; tens sido um anjo, mas quem sabe se...

— Se... se virei a ser para ahi uma desgraçada, não é assim, minha mãe? disse a menina completando a phrase, que a mãe não podera concluir.

— Jesus, Rosa! Não quero suppôr isso, mas...

— Mas quê, minha mãe? Diga, diga...

— Chega-te para aqui, Rosinha; encosta a tua cabeça sobre o meu seio, e dá-me a tua mão. Eu vou morrer... E pregou um demorado beijo nas faces aljofaradas de pranto da menina; eu vou morrer... Só uma prenda te deixo; promettes-me guardal-a, guardal-a sempre?

— Sim, minha querida mãe, prometto.

— Deixo-te a tua innocencia.

Fez aqui um longo silencio, e beijou a filha muitas vezes.

Rosa soluçava; as lagrimas — e que lagrimas tão sinceras, chorava as de certo o coração — as lagrimas iam cahir nas mãos inertes e descarnadas da doente, que murmurava ainda por entre dentes.

— Querida filha, minha pobre filha!

— Prometto, mãesinha, prometto; continuava a menina; Oh! e poderia eu quebrar nunca esta promessa que faço n'esta hora deante de Deus, e deante de minha mãe! Nunca, minha mãe, nunca! Pode morrer descançada e sem receios, mãesinha!

— Querido anjo! disse no fundo da consciencia a doente, e voltando-se para a filha: Rosa?!... Não me respondes, minha filha? Anda, dá-me um beijo, vem beijar a tua mãe...

Rosa tinha deixado cahir a cabeça de golpe sobre o leito, e não respondia.

— Que terá a minha filha, a minha pobre filha! Oh, meu Deus! hei de ser eu o algoz d'esta victima innocente?! Porque me não mataste antes de a matar eu a ella?! Rosinha? Segredava a mãe impacientada ao ouvido da filha, levantando-lhe com as mãos tremulas a cabeça e compondo-lhe as longas madeixas, que lhe cobriam o rosto. Rosinha, teimas em não responder a tua mãe? Então não me amas? Que scismar é esse, que me parte a alma? Porque não vens beijar a fronte de uma mãe que se morre e definha a olhos vistos? Pois beijote eu, meu anjinho... E cubriu de beijos a face livida de Rosa?

— Que é isto, meu Deus? Continuou a desgraçada mãe. A minha filha está fria, é gelo, não vive... já não vive a minha adorada filha... Assassino da minha filha eu? Jesus! Credo! Que é isto? Eu sonho?! Gritava desvairada a enferma.

A infeliz forcejava ainda por levantar a cabeça da filha; tomava-lhe carinhosamente a mão, collava lhe na fronte repetidos beijos, antes devorava-a com aquelles osculos tão de mãe, com aquelles beijos molhados em amargoso pranto, que eram, sem contestação, a expressão clara da dôr mais forte, que tenha jámais dilacerado, rompido o coração bondoso d'uma boa mãe.

Quando a desditosa mãe procurava levantar a cabeça da filha o corpo d'esta resvalou no chão, a mãe recuperou as forças, que uma prolongada doença lhe tinha consummido, levantou se para acudir á filha, que era já cadaver; abraçou-a, beijou-a e morreu abraçada com ella.

.....

No cemiterio da aldeia ha duas campas contiguas, ambas rasas, cuja inscripção recorda a scena, que acabamos de narrar, e que convida o visitante a orar pelo descanço de mãe e filha; a quem o visita não

(1) Garret, Camões Cant. I, 1.

passam despercebidos dois lirios, um roxo, branco o outro, que se entrelaçam lindamente, e formam um conjunto agradavel, e diz o povo da terra, que aquelles lirios nasceram espontaneamente para lembrar aos vindouros, que é sagrado o amor maternal e filial.

F. Z. Gonçalves.

Culto de Santo Antonio

O Pão de Santo Antonio

BRAGA

Snr. Redactor:

Peço-lhe o favor de publicar estas graças na *Voz de Santo Antonio:*

Meu amado protector Santo Antonio.—Venho agradecer vos tres graças recebidas. A primeira foi-me obtida nos dias 11 e 12 do mez de Maio do anno corrente, (de 1903). Recebi-a como das mãos da minha querida Mãe Santissima, mas certa que foi por vossa intercessão, que Nossa Senhora m'a concedeu. Estes dois dias, jámais me esquecerão!... porque recebi a maior graça espiritual, que podia receber, em todo o tempo da minha vida!... Que feliz eu fui!... Por esta graça, já deitei na caixa das esmolas para o pão dos vossos pobresinhos, 500 réis. Dou vos mais 200 réis para os vossos pobresinhos por duas graças corporaes. Peço-vos a graça de eu nunca offender a Deus, de viver, como elle deseja, fazendo em tudo a sua Santissima Vontade. Abençoae a minha familia, e aquella pessoa que vós bem conheceis; dae-lhe todas as graças espirituaes e temporaes. Abençoae todos os meus inimigos, e não esqueçaes a familia do snr. C. C., dando lhe a paz e concordia, entre toda a familia.

Abençoae esta vossa humilde devota que confia na vossa protecção.—*Rosa da Silva.*

Braga, 21—7—1903.

MANCELLOS

Snr. Director:

Os 5$000 réis envia-os o Abbade de Mancellos para o pão dos pobres de Santo Antonio. Tendo-me entrado de noite, em casa um larapio, roubando uma vitrine, onde tinha uma porção de medalhas e moedas antigas e modernas, prometti 5$000 réis a Santo Antonio, pedindo-lhe que me descobrisse o ladrão, para não estar a fazer juizos temerarios. No dia seguinte ao roubo, foi o ladrão descoberto e bastantes objectos roubados tambem os meus me foram restituidos. Cumpro pois a minha promessa, enviando 5$000 réis para o pão dos pobres de Santo Antonio.

Mancellos, 26 de Junho de 1903.

José Victorino Pinto de Carvalho, abbade de Mancellos.

TORRES VEDRAS

Meu glorioso Santo Antonio.—Agradeço-vos muito reconhecida a cura de meu filho d'uma angina diphterica, com admiração do medico. Fez-se a analyse no Instituto, porém quando mandaram dizer que a doença era diphteria, já sem medicamentos, o pequeno estava melhor! Seria ingratidão minha se o não publicasse.

Uma devota de Santo Antonio.

—*Milagroso Santo Antonio.*—Venho mui reconhecido a vossos pés agradecer-vos a graça, que vos pedi de me livrardes meu irmão... Remetto-vos a esmola promettida... Não o desampareis!...—*M. A.*

—*Meu glorioso Santo Antonio.*—Aqui vos deixo 500 réis para o pão dos pobres, por me haverdes protegido mais esta vez e porque (d'antes foram muitas) Tinha-me desapparecido uma nota de 20$000 réis. Procuro, e torno a procurar no logar costumado, mas debalde. Imploro o auxilio do Santo, promettendo lhe 500 réis. Torno ao mesmo sitio, e encontro promptamente o que julgava perdido para sempre!...

S. Pedro da Cadeira.—*R. F.*

GUIMARÃES

Snr. Director:

Dou parte a V. que a commissão do *Pão dos pobres de Santo Antonio dos Milagres*, erecta na egreja de S. Francisco, procedeu á abertura das caixas das esmolas e encontrou a quantia de 10$800 réis, e resolveu distribuir *150 bôas de pão* a egual numero de pobres, a qual se fez no dia 13 do corrente pelas oito horas da manhã, depois de terem os pobresinhos assistido a diversas missas, quasi todos confessados recebendo a sagrada communhão, ministrada pelo rev.º padre Antonio Augusto Monteiro, digno secretario da Veneral Ordem Terceira. Se não foram á Sagrada Communhão todos foi por não haver mais do que dois confessores que por caridade se prestaram a ouvir a confissão aos pobresinhos, foram elles os Exc.mos e Rev.mos Snrs. Padre Alberto Teixeira de Montariol e Padre Francisco Saraiva. O religioso de Montariol, deitou a benção ao pão, e foi em seguida distribuido pelos pobresinhos.

Santo Antonio recompensará tantos trabalhos.

Pelas 11 horas houve missa cantada a grande instrumental em honra do mesmo Santo Antonio dos Milagres, com exposição do Santissimo Sacramento e de tarde pelas 5 horas sermão, *Te-Deum* e Benção.

O sermão foi pregado pelo Rev.º Commissario da Ordem Terceira assistindo a Meza, da Ordem. A exc.ma Mesa da Santa Casa da Misericordia, tambem festejou na egreja do seu Hospital o seu Padroeiro Santo Antonio com uma pomposa festa constando de missa solemne acompanhada a vozes e orgão e Exposição do Santissimo todo o dia e de tarde sermão pelas 4 horas, prégado pelo Rev.mo Snr. Padre Alberto Teixeira, religioso de Montariol, que muito agradou á Exc.ma Meza e numeroso auditorio que o escutou, pois todos ficaram satisfeitos.

Parabens á Exc.ma Meza por adquirir para a

sua festividade um orador da Ordem do seu Padroeiro Santo Antonio.

Guimarães, 14 de junho de 1903. — *José Joaquim Gomes Silva.*

— *Meu querido Santo Antonio.* — Agradeço-vos o favor que me fizestes permittindo que eu *ficasse distincta no meu exame.* Já vos dei o que vos prometti.

13—11—1902.

— *Meu querido Santo Antonio.* — Agradeço vos o favor que me fizestes de *ficar bem no meu exame.* Já vos dei o que vos prometti.

13—11—902,

— *Meu querido Santo Antonio.* — Agradeço-vos a graça que me dispensastes de *ficar bem no meu exame* pois já vos dei o que vos prometti cumprindo a promessa.

— *Meu querido Santo Antonio.* — Agradeço-vos cheia de gratidão todas as *graças espirituaes* que me tendes concedido e o modo particular porque me tendes protegido, já cumpri o que vos tinha promettido.

— *Meu amado santo Antonio.* — Agradeço-vos muito por me ajudardes a *ficar distincta no meu exame* o que desde já vos agradeço muito e muito do meu coração.

— *Meu querido Santo Antonio.* — Agradeço-vos o terdes permittido que eu *ficasse distincta no meu exame.* Já vos dei o que vos prometti.

Uma vossa devota. — *L. A. F. P.*

COIMBRA

Snr. Director da *Voz de Santo Antonio:*

Envio 1$000 réis para o Pão de Santo Antonio.

SEMINARIO DE RACHOL — (GOA)

Meu Glorioso Santo Antonio. — Muito captivado pelos innumeros favores que da vossa liberal mão tenho recebido, venho aos vossos pés agradecer-vos.

Muito vos agradeço, meu generoso Santo todos os favores que me tendes feito e em especial o terdes *livrado a minha mãe d'uma doença que lhe podia ser fatal.*

Por este insigne favor e alguns mais que me tendes feito, venho depôr aos vossos pés este insignificante obulo de 3 rupias que prometti para os vossos pobresinhos, e para testemunhar-vos a minha immensa gratidão, inscrevo-me socio da Pia União.

Um seminarista. — *Vosso devoto.*

CASCAES

Snr. Director:

Peço-lhe o favor de publicar na *Voz de Santo Antonio,* o que muito lhe agradeço, o seguinte.

Meu glorioso Santo Antonio. — Agradeço-vos as graças que o meu querido Santo Antonio me tem feito e peço-vos que continueis a proteger-me envio-vos 2$500 para o pão dos vossos pobresinhos.

Uma devota de Santo Antonio.

DIAMANTINA — (BRAZIL)

Meu glorioso padre Santo Antonio. — Venho agradecer-vos a graça que me alcançastes, na grande afflicção em que me vi o anno passado; já ha mais tempo que eu devia ter cumprido este dever sagrado para comvosco, perdoae-me e acceitae os 5$000 réis que vos prometti para o pão de vossos pobresinhos.

Diamantina, 29 de Outubro de 1902. — *S. N.*

— *Agradecimento a Santo Antonio.* — *Meu glorioso Santo Antonio.* — Agradeço-vos de todo o coração a graça que vós me concedestes, *restituindo a saude* ao meu marido. Cheia de reconhecimento vos remetto a quantia de dez mil reis para o pão de vossos pobres, conforme vos prometti.

Vossa serva dedicada. — *A. H.*

Diamantina, 30 de Novembro de 1902.

— *Meu glorioso padre Santo Antonio.* — Venho agradecer-vos a graça que me alcançaste de Deus, obtendo a *cura radical do meu pé direito* sem nada soffrer no espaço de um anno. Remetto-vos réis 100$000 que vos prometti para o pão de vossos pobresinhos.

Diamantina, 19 de Agosto de 1902. — *C. N. V. D.*

Diamantina, 28 de Outubro de 1902.

— *Grande Santo Antonio.* — Que sois tão bom e poderoso, agradeço-vos a graça que me concedestes, e envio-vos a quantia promettida por mim, para o pão dos vossos pobres. — *Uma vossa devota.*

OURO PRETO — BRAZIL

Meu glorioso Santo Antonio — Eu muito vos agradeço a esmola que me alcançastes, obtendo e *deferindo o meu pedido.* Peço-vos, por isso, para acceitar em bem dos pobres a quantia de 5$000 réis.

24 de Agosto de 1901. — *Paulina Teixeira.*

Glorioso Santo Antonio. — Envio-vos a pequena esmola de 920 réis em agradecimento da graça que obtive.

25 de Agosto de 1901. — *Reduzina.*

— *Meu glorioso Santo Antonio.* — Eu vos dou graças pelo favor que me fizestes concedendo me que *ficasse bem nos meus exames* e em agradecimento vos offereço para os vossos pobresinhos a insignificante quantia de 2$000 réis.

29 de Agosto de 1901. — *Maria Joanna Machado.*

Ao glorioso Thaumaturgo — Do coração agradeço a graça que obteve e dou para os seus pobres a esmola de 500 réis.

22—8—1901. — *José d'Araujo*

Graças a Santo Antonio. — Estando eu com um grande tumor no queixo, fui ao medico e elle disse-me que era preciso rasgal-o, eu com medo do ferro me lembrei logo de Santo Antonio, implorei d'elle a cura e alcancei-a.

— *Meu glorioso Santo Antonio* — Muito vos agradeço por terdes alcançado a graça de *achar o meu annel.* Envio 1$000 réis de esmola para o pão dos pobres.

15 de Agosto de 1901. — *Leopoldina P.*

— *Meu glorioso Santo Antonio.* — Muito vos agradeço por me terdes servido no que eu desejava.

15 de Agosto de 1901. — *Franklina F.*

— *Glorioso Santo Antonio.* — Venho a vossos

pós depositar a quantia de 5$000 réis, rezar tres Ave-Marias em agradecimento da graça que me fizestes.

19 de Agosto de 1901.—*Estevão José Fortes.*

—*Meu glorioso Santo Antonio*—Eu vos dou infinitas graças pela mercê que acabais de conceder me: em agradecimento dou para os vossos pobres 2$000 réis como tinha promettido.

O. P. 27 de Agosto de 1901.—*Rosa de Lima Alves da Silva.*

—*Meu glorioso Santo Antonio.*—Eu vos dou infinitas graças pela mercê que acabaes de conceder-me; em agradecimento dou para os vossos pobres esta pequena esmola de 280 reis.

27 de Agosto de 1901.—*Maria dos Reis Carvalho.*

Recommendações especiaes

As ordens religiosas em Portugal.
Os collegios catholicos.
As missões no ultramar.
Quatro conversões.
Duas vocações.
Tres almas.
Todas as petições depositadas nos cofres de Santo Antonio.
Uma familia desolada.
Um sacerdote.
Uma casa religiosa.
Uma alma.
Um enfermo.

Secção scientifico-litteraria

Esthética christã

Fim supremo e apostolado das artes

O Verbo de Deus é o ideal eterno da creação. A's vibrações da sua palavra, os seres pulam do nada. A magestosa e solemne harmonia dos mundos começa a escoar-se atravez do chaos. E tudo apparece desvendado, ao rasgar á luz a cerração das trevas.

Todas as cousas estão bem, — disse o Verbo; — os seres, que creei, serão a minha orchestra. Os ceos cantar-me-hão glorias.

Mas Deus, «o geometra eternamente em actividade», como lhe chama Platão, parece não ter consummada ainda a sua obra; e no meio d'aquella variedade tão *una*, decreta patentear tambem á luz o typo invisivel, que concebera, e diz: *faciamus hominem*...

Eil-o. E' o homem!

E o ser por excellencia, o rei dos seres creados, não ha de tambem cantar glorias ao Ser increado?

Deus, que lhe lançara a argilla de suas mãos já palpitante de vida, aponta-lhe um fim mais nobre, que o das outras creaturas; e elle gravita, como outro mundo, para aquelle centro, e o seu vulto vae faiscante aos explendores da imagem de Deus que se lhe reflecte. E' que o homem tende a deificar-se com elle na eternidade. A virtude de Deus é o seu iman. Elle é o seu fim supremo.

Similhante ao eterno geometra, o homem creador, inspirado, concebe tambem o typo invisivel de uma virtude sobrehumana; e, contemplando a argilla, profere tambem o seu verbo: — terra vil, em ti vou infundir um pedaço da minha alma; o typo sublime, que eu engendrei no meu intimo, sairá a lume, irradiante de explendor; as palpitações do meu entendimento vão manifestar-se e estremecer em ti; eu serei de novo argilla, morrerei; mas a minha alma scintillará sempre em ti, pujante de vida; e os peitos, que sentem como o meu, este fremito divino, hão-de ouvir-te pullular. Mil gerações virão saudar-te em meio de um extase, porque na tua fronte pousará sempre a aureola da virtude divina.

E á potencia d'esta palavra, o genio creador, enlevado na sua obra, alcança por fim inocular-lhe um certo cunho do immortal e eterno. E' que elle retrata as suas inspirações impereciveis na nova creação, que lhe pula das mãos.

A visão, que a alma do artista contempla nas producções da poesia, da estatuaria e da harmonia; o arcano mysterioso, que a envolve atravez a luz e as sombras da materia, é a belleza ideal, a verdade misticamente occulta a que o nosso ser de continuo aspira: o ideal puro, ineffavel, o talisman omnipotente, que attrae as intelligencias e os corações.

Esta é a sina da humanidade. Sobranceira a todas as outras especies da creação, ascende continuamente para as regiões do espirito, e o homem que se traduz por caracteres, que tocam a esphera do infinito, é o artista, que arrasta após si as gerações até aos sublimes ideaes d'outra vida immorredoira.

Eis porque a sua missão o dignifica e

eleva sobre si; o seu mister é grande e nobre, porque engrandece e nobilita a humanidade, augurando-lhe um preludio de eternas esperanças.

Sobre esta face cumpre considerar o fim da arte e a dignidade do artista.

Schiller, o poeta da Providencia e da esperança, como lhe chama um escriptor, no seu santo orgulho da dignidade das artes e do seu apostolado moral e civil, um dia exclamou: «o poeta deve andar a par do rei; um e outro vive nas mais sublimes regiões da humanidade.»

Com esta expressão, o poeta parece elevar a dignidade das artes ao auge da grandeza moral e civil. Longe de a considerar, como um mistér e vão passatempo, como um producto de materiaes necessidades, ella é o sacerdocio da alma, que purifica a vida; é febre ardente de altas e generosas paixões, que nobilita e educa a humanidade até eleval-a ás sublimes convicções moraes; dirige-a ao amor universal, porque ella é semente fecunda de luz e de civilisação nas nações.

E' grande e sobremaneira eminente o apostolado do artista. A sua obra é a mais efficaz expressão dos costumes, da civilisação, da vida intima de um povo; ante os seus olhos tudo se agita e recebe novas côres, porque revelando os proprios affectos, inconsciente, se faz interprete dos pensamentos e das esperanças de uma geração inteira.

O artista desenvolve com grande magisterio e com uma sinthese maravilhosa o que confusamente encerra a consciencia universal. Seduz, para dizel-o assim, as multidões a ponto de arrastal-as após si, e de seguil-o para um mundo desconhecido: o mundo da belleza e da ideia.

Mas, para obter este fim supremo, o poeta, astro luminoso dos destinos da humanidade, deve sentir em si livremente a arte no meio da civilisação dos povos. Deve ser philosopho e observador intemerato; então o seu coração, foco de altas e profundas verdades, echoará, fortemente ao annuncial-as, porque brilharão nas suas producções.

Seria coisa futil, que a arte, a qual é tão ampla, quanto o universo e tem a sua sede ideal no infinito, interessasse tão só ás individualidades, que são mortaes e perecedouras; do mesmo modo, as obras da phantasia esthética seriam ephemeras, se trouxessem a lume o homem sómente em si, e não toda a humanidade, que é, como uma vasta familia, susceptivel de grandes paixões e de grandes dôres.

Póde comtudo caracterisar o individuo, mas devem salientar-se n'elle as paixões de que é capaz toda a humanidade.

No meio da sociedade, como um membro d'essa grande familia, é o artista por conseguinte o sacerdote da verdade e da belleza que reune a mente de um povo em um só pensamento para o enlevar mediante as obras da sua arte.

Vendo assim o escopo da arte e o seu apostolado, urge inquirir: Onde repousa o sentimento e o bello das formas, que vão vivificar a mente do artista?

Eil-o. E' o immenso panorama da natureza; o aspecto magestoso do mundo physico e moral; um cemiterio, mansão das tristezas; uma paisagem, onde regorgitam alegrias; o velario azul do ceu, tremulando ás virações da patria; o oceano reflectindo no seu crystalino espelho; a aurora derramando esperanças sobre a terra; as grandes scenas da vida civil e religiosa; e sobre todos os serês, o homem, que se revela pelo seu olhar penetrante, eloquente interprete dos mais escondidos e mimosos sentimentos da alma, e do coração, onde se aninham todos os affectos. Quando o artista houver penetrado no latibulo mais occulto do coração humano, e elle se tiver reflectido no seu peito com as suas palpitações, e se revelar nos productos da sua creação genial, então, este grande sacerdote da natureza e da humanidade, este arbitro dos affectos e da vontade, que inflammam e regulam o mundo, terá conseguido o seu fim supremo; e as obras do seu genio hão-de durar tanto, quanto os seculos, e elle será o primeiro de entre os homens.

Interpretar portanto a natureza e as paixões, eis o grande segredo da arte. Quando elle chegar a desvendal-o, só então poderá descrever a vida com as suas necessidades e com as suas crenças. Assim cumprirá a grande missão que a Divina Providencia lhe confiou sobre a terra, que é: representar a santidade do Vero e do Bom, mediante o explendor do Bello.

Viva elle, portanto no coração da sociedade; descreva-a purificada da monoto-

nia da vida ordinaria e elevada á dignidade moral; enleve-se no estudo da natureza onde se encerram os mais intimos segredos da arte, e inspire-se no ideal esthético dos grandes genios, que primeiro, intrepidos e immaculados erigiram o altar onde arde continuamente o fogo sagrado da inspiração.

Mau grado d'aquelles espiritos, que dão á arte um fim apparente, considerando-a um myto, um fogo fatuo, a *pyrotechnica do engenho* e a representação das formas do agradavel e sensual, ella remonta á suprema origem do ideal, que é o Verbo de Deus, ultima aspiração da humanidade.

GHIM.

A mãe

(Commemoração do 60.º anniversario natalicio de minha mãe).

DITOSA era a existencia da mulher no Eden das delicias.

Creada pura e formosa, como candida açucena em mimoso canteiro de flores, a mulher cahiu do pedestal da nobreza no lodo das mais nojentas abjecções, seduzida pelas blandicias do espirito do mal.

Conspurcada sua honra nos publicos mercados, sevandijada em seu pudor pelos perfidos osculos da volupia, tornou-se a escrava do seu tyramnico senhor, a victima da lascivia, o objecto da ignominia geral.

Rebaixada na sua condicção, e despojada de seus filhos que eram arremessados aos abysmos do monte Taygete ou nos sorvedouros do Aventino, passava uma vida retalhada d'angustias, de miserias, de crueldades, de afflicções, de lagrimas, de dôres.

Porém um dia jorrou a luz da civilisação dos castos labios d'um Justo. A liberdade surgiu das cumeadas do Golgotha e a mulher foi regenerada pela glorificação da maternidade em sua condicção de esposa.

Dissiparam-se as trevas da ignorancia e ella reconquistou o magico prestigio da grandeza moral.

Purificada em seus affectos, ennobrecida em sua missão e guindada ás culminancias da virtude, manifesta-se heroica em suas dedicações, pura e solicita na educação da prole. E' no seio da familia que ella desempenha o seu mais sublime mister; é no sanctuario do amor que ella exerce sua mais nobre missão. Quando a dôr inunda de copioso pranto as faces do homem, tingindo-lhe de carregadas côres os horisontes da vida, quando o desalento lhe rasga a alma, presagiando-lhe alguma desdita, quando o infortunio o opprime com o violento embate d'uma viva magua, é a mulher, que lhe incute forças com seus carinhos, que lhe ministra alentos com seus sorrisos, que lhe alenta a vida com seus encantos.

Cheio d'esperanças, opulento de confortos, cofre d'affectos e sacrario d'amor, o coração feminino abre-se em vivissimas expansões de jubilos, aos primeiros alvores da existencia do filho e estende-se n'uma luminosa esteira de bençãos até aos ultimos instantes de seu finamento.

Vinculada a existencia da mãe á d'aquelle pequenino ser, verdadeiro penhor de seus affectos, commette arrojos d'inteiro valor.

Opera prodigios d'uma abnegação sem egual, n'um meigo murmurio de beijos, n'uma doce ballada d'enlevos. Intemerata diante dos perigos que a cercam, meiga nas enfermidades que o acabrunham, corajosa nos infortunios que o perseguem, affavel nos delictos que elle pratica, verte balsamos em suas dôres, derrama allivios em suas maguas, espalha confortos em suas tristezas, dissipa adversidades com seus afagos, attrahe corações com suas ternuras, patenteia virtudes com seus conselhos, avassala animos com suas lagrimas, inspira coragem com a sua resignação, promove a fé com a fragancia de suas virtudes.

Vede as ancias, analisae os cuidados de que ella preservera o filho de todos os perigos! Toda amor e carinho, toda disvelos e inquietações, n'uma salvadora cruzada de beneficios, não descança, nem socega um momento quando o não vê a seu lado.

Sabendo que algum mal o ameaça, eil-a, como louca em carreira vertiginosa á sua procura e para o salvar, não receia diante dos maiores perigos, lançando se nas chammas dos mais vorazes incendios, luctando com as mais encapelladas ondas, vencendo os mais profundos abysmos, galgando as mais altas barreiras e soffrendo as mais horriveis torturas. E quantas vezes chega a confirmar com a morte o heroico desempenho de tão santa missão?!

Contemplai-a á cabeceira do filho doente. Qual anjo da dôr, com o coração despadaçado de ingente soffrimento, com as faces vincadas d'amarissimas lagrimas e com os labios trémulos na captivante balbuciação d'uma férvida prece, passa vigilias, busca allivios, demanda sacrificios. Se suas supplicas não são ouvidas, se a morte a vem ferir no mais puro dos affectos com a sua inexhoravel tyrannia, infunde-lhe forças, aconselha-lhe a resignação, balsamisa-lhe os ultimos momentos com os soffregos osculos do amor. Ninguem a rivalisa em sacrificios, ninguem a sobrepuja em amor e dedicação, ninguem a excede em tribulações, ninguem a imita na grandeza das dôres. Maviosa palavra é o nome de mãe, o qual nos faz vibrar de saudade quando nos lembram os lêdos momentos em que adormeciamos em seu regaço, talvez orvalhado de lagrimas ao poetico arrulho de suas lindas canções. Esta palavra magestosa, como a vastidão dos mares, meiga, como o ciciar da brisa, bella, como o surgir da aurora, attrahente, como o perfume das violetas, melodiosa, como o gorgeio das aves, sympathica, como o sorrir da infancia, suave, como o trillo da philomela, fascinante, como o brilho das estrellas, encerra em si o mais alto grau do amor, a mais excelsa idealisação das inspirações humanas.

Quem pode descrever a sublime grandeza do amor d'uma mãe? Nem o poeta com as ardencias de sua phantasia e com os vôos de sua imaginação, nem o sabio com as perfulgencias de seu genio, nem o pintor, com as mais finas tintas de seu pincel, serão capazes de nos descrever as excelencias, os heroismos, as grandezas que concretisa o nome de mãe!

Quem terá um coração tão petrificado, uma sensibilidade tão pouco delicada, uns sentimentos tão baixos, tão rasteiros, tão deshumanos que se não lembre, com saudade, das lagrimas que sua mãe chorou, dos conselhos que lhe deu, dos sacrificios que fez para lhe garantir um futuro?! Quem não sentirá a alma pulsar de consolação e de alegria, quem não gosará ventura por ter ainda uma mãe, a quem consagra todos os affectos, a quem tributa toda a sua veneração?

Quem não chorará com immensa magua, com uma viva saudade, o finamento d'uma mãe?

Mãe! Poema d'amor e de sacrificios escripto com os prantos d'amargura!

Mãe! Expressão de sublimes sentimentos nas agruras da vida, manancial de virtudes no sacerdocio da familia, fonte de consolações nas misericordias do perdão!

Mãe! Rainha d'afflictos nos vagidos da infancia, nuvem de dedicações no refrigerio das dôres, corôa de grandeza na esphera de todos os beneficios!

Mãe! Cuspide de heroicidades na valentia d'arrojos, altar de veneração nas harmonias da crença, templo magestoso da humildade d'um Deus

Mãe! Protectora dos fracos na sapiencia de seus conselhos, sublimada estrophe nos canticos da Egreja, co-redemptora do genero humano nas desolações do Calvario!

Alemtejo (Alvalade) 3—4—903.

ALBERTO GONÇALVES.

O martyr da innocencia

—«*Minha mãe, o que era aquillo*
Que deu o senhor abbade
Vestido de branco, á grade?...»—
—«*Falla baixinho,*
menino...
'stás na casa do Senhor,
Silencio... reza... fervôr...»—
—«*Mas tu, ó mãe, diz-me o que era?...*
Tão bonita parecias,
Quando alegre recebias
Aquella coisinha branca.»—
—«*Filho...*
aquillo era Jesus!...
Ao mundo veiu dar luz,
'spalhar a paz e a bondade!...
Depois n'este cativeiro,
Querendo estar prisioneiro,
Escondido só ficou
No alvo pão que abençoou...
E tu cuidas que elle dorme?...
Não... sósinho, lindo infante,
'sperto vela a cada instante
Por todos, por mim, por ti...
D'amor vive preso ali!...»—
—«*E... pois... ó minha mãe...*
deixa-me...

Já que elle é tão nosso Amigo,
Quero eu tambem ir contigo...» —
—«Filho não chores...
espera...
Para bem o receber,
E' necessario rever
Muito bem a consciencia;
E depois de examinados
Confessar nossos peccados.
Jesus é puro, innocente!...
Não entra n'um coração
Manchado de imperfeição.» —
—«Tambem eu, ó mamã... quero...
Confessar os meus peccados,
Para serem perdoados...
Eu t'os digo já...
mas... deixa-me...» —
—«Socega, filho...
ao reitor
Quando já fores maior
Então has-de confessar-te...
E depois tão casto e puro
Irás commigo seguro.
Jesus bom, candido, meigo,
Ao teu coração virá
E não mais o deixará.» —
—«Mas... eu agora...
ó mamã...
Deixa-me... vou já contigo...
O Jesus que é meu amigo
Me perdôa os meus peccados.» —
—«Cala-te, filho... sem cruz,.....
.....» —
—«Quero papar o Jesus...» —

Chronica universal

Leão XIII

Traçar em poucas linhas o perfil de um grande homem, que, digamos assim, encheu o seu seculo, é difficil e arriscada tarefa, nem nós apresentaremos hoje aos nossos leitores uma biographia acabada de Leão XIII, que foi, sem contestação, um dos vultos mais proeminentes da actualidade e o maior Papa do seculo XIX.

Apenas duas palavras sobre a sua obra.

A sete de fevereiro de 1878 morria Pio IX: a 18 do mesmo mez reunia-se em conclave o collegio Cardinalicio, e a 20 sahia eleito Papa o Cardeal Pecci, que havia de ser o grande Leão XIII, de saudosa memoria.

Leão XIII fôra elevado ao Pontificado n'um momento historico difficilimo. A brecha da Porta Pia estava ainda fresca, as ideias avançadas do seculo, a descrença, o materialismo, o scepticismo, o sensualismo, todos os erros modernos se conluiavam para derruir o edificio vinte vezes secular da Igreja: aves agoirentas houve que deram o Papado por fallido e moribundo. Enganaram-se porém.

Nos momentos criticos, Deus, que preside aos destinos da sua Igreja, sabe suscitar um grande Papa, que dirija com acerto a barca de Pedro.

As circumstancias do Papado eram então, senão unicas, rarissimas na historia. Mas, graças á grande estatura moral de Leão XIII, aplainaram-se as difficuldades, e nunca talvez a Igreja gosou de maior prestigio e de tanta auctoridade.

O primeiro cuidado de Leão XIII foi o estado do seu seculo; comprehendeu nitidamente o meio em que viveu, conheceu as chagas, de que enfermava a sociedade, e procurou com o tino e sagacidade, que lhe eram proprias, remedial-as.

Com uma politica tolerante e ordeira soube angariar as sympathias do mundo inteiro, e fez-se respeitar e respeitar a Igreja.

Considerando-o nas lettras e nas sciencias foi, além de apreciavel poeta, um sabio. Procurou em primeiro logar fazer progredir os estudos ecclesiasticos; com este intuito publicou em 1879 a Encyclica *Aeterni Patris*, na qual proclama S. Thomaz principe das escolas christãs, e recommenda o estudo profundo das suas doutrinas e das doutrinas de S. Boaventura e outros doutores da Igreja. Sendo os archivos vaticanos dos mais ricos e preciosos abriu-os á investigação dos eruditos, e reformou o observatorio do Vaticano. Promoveu os estudos biblicos; na encyclica *Providentissimus Deus* de 18 de novembro de 1893 traça o verdadeiro caminho a seguir na exegese e interpretação dos Livros Santos, apresenta as fontes, que devem de preferencia consultar-se, e a critica succinta dos erros mais communs a respeito das Escripturas, mormente do *Racionalismo*, que apoiando-se

PROVANDO A CERVEJA

em principios erroneos e n'uma critica falsa — a que chamam *hypercritica* ou *critica sublime*, rejeita aprioristicamente o que de maravilhoso e sobrenatural se contem nas Sagradas Escripturas ; é a condemnação da razão autonoma. Pe resto, recommenda o estudo consciencioso das sciencias auxiliares, dá-nos a noção exacta da *inspiração*, e resolve certas objecções, que costumam oppôr á verdade dos Livros Santos.

Para coroar a immortal Encylica constituiu ultimamente a Congregação dos Estudos biblicos composta de alguns Cardeaes e homens illustres nas Sagradas Letras.

N'uma palavra, Leão XIII desenvolveu grandemente os estudos, sobretudo philosophicos e theologicos, e procurou fazel-os acompanhar a evolução das sciencias em nossos dias.

E' este o mais solemne desmentindo ás asserções calumniosas do sectarismo, que aleivosamente apóda de retrograda a Igreja, e de refractaria ao desenvolvimento intellectual dos povos ; pelo contrario a Igreja apossa-se sempre do espirito da época e segue-o ; d'ella sahe muitas vezes, as mais das vezes talvez, esse vigoroso impulso dado ás sciencias, lettras e artes, e quando não occupe a vanguarda d'esse movimento, pelo menos applaude-o sempre, uma vez que seja verdadeiro progresso e não procure esteiar-se, o que succede não raro, em principios falsos e contrarios á verdade revelada, o que, na hypothese, longe de ser progresso, seria lamentavel retrocesso.

*

As Encyclicas do immortal Pontifice são a demonstração cabal de seu talento e incontestavel superioridade. De feito, n'esses documentos publicos não ha, póde dizer-se, nenhuma d'essas questões de mais palpitante actualidade, que elle não tocasse.

Na impossibilidade de analysar cada uma de per si, basta notar que cada encyclica é um novo titulo de gloria, que circumcinge e aureóla a fronte do augusto Pontifice, ha pouco fallecido. Na *Quod apostolici muneris* (1878) ataca o socialismo revolucionario, a *Diuturnum* (1881) versa sobre o problema politico, na *Immortale Dei* (1885) trata com grande largueza de vistas da ideia catholica sobre a constituição dos Estados, doutrina, que elle repisa na *Rerum Novarum* de 15 de maio de 1891.

Esta ultima, que trata da momentosa questão social e operaria, mereceu-lhe o titulo de *pae dos operarios*, e é com a *Graves de communi* um imperecedouro monumento nos annaes da Sociologia.

Grande sociologo e profundo conhecedor das chagas da sociedade hodierna—o egoismo, e a oppressão dos fracos—tomou a causa d'estes a peito contra as injustas pretensões do rico ; recorda os deveres reciprocos de patrões e operarios, e não sendo os operarios meras machinas de producção, mas muitas vezes cabeças de familia, advoga o salario familiar, que lhes garanta a commoda e razoavel sustentação, não só individual, mas tambem da esposa e filhos, cujas necessidades teve de soccorrer.

Entrando, pois, no amago da questão social, encarando-a sob o seu aspecto verdadeiro procurou dar-lhe cabal solução ; se a questão está e estará ainda em pé por muito tempo, é comtudo certo que Leão XIII, assentando nas verdades eternas do Evangelho, lhe deu um grande abalo e facilitou muito a sua resolução. *A Rerum Novarum* e a *Graves de communi* são hoje o ponto de partida da generalidade dos catholicos, que se dedicam ao estudo d'essa sciencia nova, hoje tanto em dia e sobre a qual versam as opiniões mais encontradas.

Na *Sapientiæ Christianæ* (1888) versa sobre os deveres dos cidadãos christãos, e na *Liberts* escripta no mesmo anno de 1888, falla sobre a liberdade.

Alem das mencionadas muitas outras, como a *Humanum genus* em que condemna as nefastas sociedades secretas; eram dignas de notar-se, mas falta-nos tempo e espaço.

*

Como politico foi tolerante, sabendo attrahir a si as sympathias de todos, mesmo acatholicos.

A sua ideia dominante era a pacificação dos povos e para conseguir o bem-estar material e sobretudo moral das nações não se poupou a esforços e trabalhos.

Devido á sua politica pacificadora foi, por vezes, escolhido arbitro na decisão de alguns conflictos que surgiram entre as nações. Em 1886 foi arbitro no conflicto entre a Allemanha e a Hespanha na questão das Ilhas Carolinas, que o Papa resolveu

declarando o direito historico, que assistia á Hespanha, da possessão d'esse archipelago do Pacifico.

Em 1892 foi arbitro na questão da demarcação das fronteiras de Angola entre a Belgica e Portugal, e em 1895 na questão tambem sobre a demarcação de fronteiras entre as republicas de Haiti e S. Domingos.

Além d'isto soube imprimir ao *Centro* da Allemanha uma sabia direcção; a união dos catholicos allemães, que são alli a salvaguarda e quasi o unico sustentaculo das instituições politicas, contra a onda sempre crescente do Socialismo, que procura com suas ideias subversivas demolir o edificio social, firmou se mais e mais sob o Pontificado de Leão XIII.

Poder-nos hiamos alongar mais, mas basta o que fica dito para fazer ideia, do que foi a obra de Leão XIII.

Se houvesse espaço fallariamos ainda de Leão XIII e a ordem terceira de S. Francisco; mas o que fez a este respeito sabem-no já os nossos leitores.

Terminaremos, pois.

Na tarde de 20 do passado julho apagou se para sempre esse sol, que illuminou o seculo XIX e que por mais de um quarto de seculo presidiu aos destinos da Igreja. Com a sabedoria e prudencia, que eram tão suas, dirigiu a barca de S. Pedro, apesar das tempestades, que se desencadeavam para fazel-a sossobrar, mas essa barca arrosta as furias do vento, e o encapellar das ondas revoltas do mundo sem se perder; muitas gerações passaram, passarão muitas outras, e a Igreja diz-lhes. «Vós passastes, e eu fiquei! Passareis vós e hei-de ficar eu! «E' que é obra de Deus e a obra de Deus é estavel e permanente.

As obras dos homens passam sem deixar vestigios ou se os deixam são, como elles ephemeros e passageiros, não assim a obra de Deus. Embora as excepcionaes difficuldades, com que haja de luctar a Igreja, embora se alliancem para destruil-a todos os elementos e todos os homens, ella sorri-se compassivamente e diz-lhes: «Insensatos! Quereis acaso destruir a obra do Omnipotente! Haveis de passar como a sombra e eu ficarei!»

Do que levamos dito é cabal demonstração o Pontificado de Leão XIII; todas as facções religiosas e politicas se colligaram para derruil-a, mancommunaram-se todos os sectarios modernos para fazel-o abalar mas o Pontificado Romano ficou de pé. A figura primacial e gigante de Leão XIII impoz-se e o mundo soube acatal-o e respeitar a Igreja; a posteridade imparcial, estou d'isso convencido, ha-de fazer justiça á obra do primeiro Papa do seculo XIX.

ROMA

A morte de Sua Santidade o Papa Leão XIII tem sido o facto sensacional de Roma e do mundo.

Nenhum acontecimento, por muito notavel, lhe poderia disputar a primazia na serie das narrações, 1) porque Leão XIII foi Papa: 2) porque Leão XIII foi a alma de todos os grandes emprehendimentos modernos, no que téem de legitimo e bom.

Como Papa, Leão XIII, ao transpor os umbraes da eternidade, tinha de fazer oscillar de commoção todo o edificio catholico, do qual era, por essencia e vocação, a pedra angular.

Como alma de toda a moderna renascença, havia de deixar vincado o traço d'um sulco profundo no caminho da civilisação.

Choram-no as artes que elle tanto distinguiu, ora divagando-se em espirito melancolico pelas ruinas de Roma e da Grecia, ora cantando lôas a Deus e á Virgem n'aquelle seu classico latim, que ressumbra de seus escriptos, fresco e puro, como nascente de rocha granitica.

Choram-no as sciencias com as quaes passeou d'um extremo ao outro os dois hemisferios do mundo metaphysico e do mundo social.

Chora o a politica que por elle foi levada para o mar largo da pacificação.

Choram-no todos, porque de todos foi sol luminoso, que ao passo que allumia aquece.

E Leão XIII alumiou toda a ultima quadra do seculo XIX. E Leão XIII aqueceu milhares de milhões de almas que não mais perderão a memoria de quem foi verdadeiro *Lumen in cœlo!*

*
* *

A' corôa dos **Cardeaes da Santa Egreja Romana,** foi agora engastada mais uma pedra, pedra preciosa, batida a valer nas incudes da vida.

O Ex.mo e Rev.mo Snr. Nuncio de Lisboa, Arcebispo de Damietta, após uma grande folha de serviços á Egreja, rematou a sua vida diplomatica, com a elevação ao nobre collegio cardinalicio.

Digna paga a quem por tantos annos se consagrou á missão conciliadora da Religião com os Estados. Publicando o seu retrato, não podemos esquecer a data gratissima em que elle abençoou esta Redacção nos termos seguintes:

«Accusando a recepção da carta de V. de 12 d'este mez e juntamente de alguns numeros da excellente Revista, a *Voz de S. Antonio*, que V. tão dignamente dirige, cumpre-Nos dizer, que foi com vivo prazer que lemos esses numeros, e folgamos muito em testimunhar a V. a agradavel

impressão que em Nós produziu o ardor santo com que V. trabalha pela causa da Religião e em especial pela gloria do grande Thaumaturgo Portuguez, um dos vultos mais fulgentes d'este fidelissimo Reino e da Egreja Catholica.

Recebeu V. dos meus illustres predecessores e dos venerandos Prelados Portuguezes muitas e justas provas de benevolencia e de louvor pela publicação do interessante jornal que dirige, e da Nossa parte não podemos deixar de animar V. e os seus zelosos collaboradores a que prosigam com ardor cada vez mais crescente no caminho tão louvavelmente encetado para o bem da Santa Religião, para a diffusão da vida do inclyto Santo e para a prosperidade d'este catholico reino.

Deus Guarde a V. — Lisboa, 17 de fevereiro de 1897.

† *ANDRÉ, Arcebispo de Damietta,*

N. Apost.

BEIRA (AFRICA ORIENTAL)

As deliciosas correspondencias que d'alli nos soem mandar os RR. PP. Raphael Maria e Seraphim Pedreira, vão agora ser entrecortadas do ultimo adeus á Patria, do nosso saudoso amigo, o P. Alberto Teixeira.

Collaborador assiduo da *Voz de Santo Antonio*, por mais de 5 annos, entendeu agora agradar d'uma maneira particular ao glorioso Thaumaturgo, dedicando-se á vida missionaria nos sertões da Africa.

Notavel (e já por nós aqui notada) coincidencia! Todos os missionarios franciscanos da Beira tiveram parte activa na *Voz de Santo Antonio*, como fundadores e redactores da mesma revista.

E que muito admira, se o mesmo thaumaturgo, a cuja sombra militamos, tambem foi missionario?

Leiam-se agora as ultimas palavras de despedida que de Lisboa nos mandou, antes de embarcar, o Rev.º Alberto Teixeira. Essas palavras têem o accento da saudade e do heroismo, do patriotismo e da religião. Leiam:

A caminho da Africa

Collocada na encosta do monte, qual ninho de pomba entre os ramos da larangeira, tu és, ó minha aldeia, a belleza sem rival. Nasci em teu seio, fui embalado pelo nordeste que dos pincaros do Marão desce em furias sobre teus campos sempre risonhos, e o primeiro cantico que escutei foi o pio agoureiro de ave nocturna.

Lá mais em cima, mais perto do ceu, como coroa de tua belleza, ó rainha do Tamega, está collocado o ninho da minha innocencia. O meu berço esteve dentro de teus muros velho tugurio cercado de figueiraes; aspirei as auras embalsamadas pelo tomilho e rosmaninho agreste, ouvi as lyras dos anjos que te rodeavam, ó berço da minha innocencia. Em ti gravou o Todo Poderoso em caracteres eternos o destino do meu porvir.

E' dado á creança quando adeja por entre os córos dos anjos vêr o problema do futuro. E eu vi-o. Assentado nas faldas escarpadas do monte ao cahir da tarde, lia a historia d'um apostolo que se tinha sacrificado na Africa em pró do pobre habitante d'esse paiz anconita. Os seus sacrificios, as suas dores, as suas fadigas, brilharam diante de meus olhos qual sol esplendido que nimbou a sua fronte d'uma aureola eterna, e senti em meu peito infantil alguma coisa incomprehensivel, alguma coisa d'amor divino, uma chamma de apostolo.

Lancei meus olhos lá ao longe. Casava-se com o horizonte azul, a ultima cumiada do Marão na sua rigidez alpestre. Os reflexos do sol a morrer estenderam uma franja dourada em fôgo sobre esse cabeço descalvado.

Era a hora solemne do adormecer da natureza!...

Meus olhos encontraram n'essas balizas os confins de Portugal; alem, mais alem, depois de tocar ao de leve no veu da fina gaze azul do firmamento encontraria a Africa, o paiz dos desgraçados pretos abandonados a uma escravidão horrorosa. Irei, disse eu, fazer da minha parte tudo para os salvar.

A caminho da Africa!... disse, e agil como a aguia que passeia impavida pelas campinas ethereas, desci a encosta do monte!...

Já brilhavam no ceu as primeiras estrellas; e a capella de N. S. da Graça, escondia-se pouco a pouco debaixo do manto negro da noite. Saudei a Virgem da Graça, o pharol do navegante da eternidade, Aquella que acolhe á sombra do seu manto todas as infelicidades. E não é verdade, ó Mãe! que n'esse momento minhas orações voavam mais rapidas para o ceu, transportadas pelas mãos dos anjos...

A caminho da Africa! O' Maria ampara me...

Mas hoje não; é noite; perder-me-hei no caminho. Amanhã cedinho, aos primeiros alvores da aurora irei a caminho da Africa...

Deitei me; e com a paz na fronte, a serenidade no olhar, e o sorriso nos labios adormeci; e meu coração palpitava com anciedade; o que se passava lá dentro não sei. No dia seguinte accordei muito tarde; não fiz a viagem tão desejada; depois passaram-se dias; perdi a corôa da minha innocencia nos caminhos invios e tortuosos do mundo; procurei-a muitas vezes e não a achei. Chorei por ella, mas infelicidade! ninguem me consolova; promettera-me o mundo outra, fui procural-a na minha fronte e encontrei uns sulcos medonhos,—disseram-me que em caracteres infames estava gravado um stigma horrivel. Chorei muito, mas que importavam as lagrimas? não lavavam a mancha que estava na alma.

Depois os meus pés dilaceraram se muito, muito nos espinhos do mundo: muito sangue ensopou a senda da minha vida, quando eu apenas devia descançar entre as flores amenas da innocencia.

Aos 12 annos era guerreiro com as paixões seductoras do mundo. Mas inexperiente nos combates da existencia succumbi muitas vezes. Um dia coberto de pó, com o corpo rasgado, coberto de feridas, com o rosto afogueado corri junto do altar de Maria. Mostrei-lhe a minha desgraça, as minhas feridas, as minhas mizerias; e envergonhado não ouzei fixar seu rosto de Mãe Immaculada. Cahi de joelhos, inclinei a minha fronte para a terra e com os olhos arrazados de lagrimas apenas murmurei: Minha Mãe! E uma voz

doce como o cantico da pomba, suave como o ciciar da brisa, pura como o cantico d'um anjo, disse: Meu filho! E eu corri para junto de seus pés, abracei-me com elles, orvalhei-os com lagrimas.

Fiz ahi promessas sagradas; e ao despedir-me cheio de consolações, disse: *A caminho da Africa!* . .

Passaram se 12 annos de vida asceta: um apenas de apostolado no bem dos filhos da minha patria. Pequeno espaço de tempo, é verdade, mas em que eu empreguei os talentos que Deus me deu em enxugar lagrimas, curar ulceras do coração humano, cicatrizar feridas da alma.

Meu Deus perdoae-me! se por accaso, fui infiel ás vossas dadivas! . . .

Durante este anno de apostolado tive consolações intimas, que só o apostolo conhece. Tive corôas de saudade que sempre guardarei até ao momento da hora extrema, em que eu despojando me de meu corpo, como d'um vestido vil e esfarrapado, irei esconder a celeste nudez da minha alma nos braços do meu Deus! . . .

Tive lagrimas innocentes derramadas sobre a minha alma. Sim, de todas me recordo; e vós ó creanças, que vi chorar ao despedir-vos de mim, Deus vos abençoe, Deus vos cubra de bençãos.

Jesus vos estreite sobre seu amoroso coração, Maria vos sustente em seus braços maternaes . . .

A caminho da Africa! A promessa vae cumprir-se. Adeus innocentes creanças! Lá em baixo no Tejo balanceia-se magestoso o vapor que me leva ao continente negro. Adeus! . . .

A caminho da Africa! Meus amigos da infancia: um abraço de saudade; orae por mim. . . . Adeus! . . .

Virgem Mãe, Rainha da minha alma, que me recebestes por filho desde o raiar da minha existencia a tua protecção e benção. Sobre teu Coração ó Mãe descançarei; será ahi que eu encontrarei consolo nas minhas longas fadigas.

Sobre mim, Estrella do mar, refuljam os brilhos da tua corôa de Rainha no meu apostolado alem-Oceano.

TERRA SANTA

Do *Relatorio e contas da Commissairaria da Terra Santa em Portugal* a que já alludimos n'um de nossos numeros passados extrahimos a seguinte carta e noticia historica do nosso bom amigo Padre Maximiano da Silva, que bem mostra não estar de todo apagada ainda na Terra Santa a lampada da fé e da caridade:

Exc.mos Snrs.

Motivos bem alheios á nossa vontade, e que de certo não escapam ao são criterio dos Exc.mos bemfeitores da Terra Santa, obstaram a que, no anno transacto, lhes offerecessemos o costumado relatorio.

Assim pareceu convir. Removidos porem esses obstaculos, que, nos parece, justificaram de sobejo esta involuntaria omissão, vimos agora dar conta aos Exc.mos Prelados, e mais bemfeitores, das esmolas que recebemos n'estes dous annos, e da fidelidade com que foram remettidas ao seu respectivo destino.

Pouco conhecida como é ainda entre nós a Obra da Terra Santa, julgamos dever aproveitar este ensejo para recordar os fins e importancia de tão nobre missão, os trabalhos e difficuldades, em que se vêem seus valentes missionarios, esperando por este meio afervorar para com ella a sympathia e devoção, que começam a despertar no coração dos bons Portuguezes.

*

Não ha missão alguma na Christandade, que possa rivalisar com esta, por tantos titulos gloriosa, da Terra Santa.

Continuando na vasta região da Palestina a obra redemptora do Filho de Deus, ella possue, além d'isso, a singular e incomparavel gloria de conservar, guardar e defender, ha seculos, os lugares, santificados com os factos evangelicos, e os santuarios, que commemoram os mysterios augustos da nossa Fé.

Basta só esta prerogativa para a tornar credora do singular apreço de toda a Christandade.

Os povos consideraram-se sempre obrigados pelo sagrado dever da gratidão a perpetuar a memoria dos homens illustres, que os deffenderam e honraram; não deviam pois permittir, se votasssem ao esquecimento esses Logares e santuarios bemditos, que apregoam o maior dom de Deus, e proclamam a gloria do primeiro Bemfeitor de toda a humanidade! !

Não podia ser.

*

Nós temos na historia profana, mas sobretudo no Evangelho a narração authentica da vida do Filho de Deus entre os homens, mas não era possivel que se esquecessem as paginas não menos legiveis d'esse outro Evangelho, que evoca as scenas enternecedoras do drama divino, com uma precisão e intensidade incomparaveis.

Ha n'aquelles sanctuarios uma força singular, que a historia não tem.

Esta póde dar-nos, e effectivamente dá, a noticia geral, que importa á nossa Fé, mas o que nem sempre, ou raras vezes permitte, é dar-nos o sentimento da realidade, essa emoção pessoal que tanto contribue para avivar a fé, e afervorar a devoção.

Effectivamente, que melhor meio para se receberem as impressões vivas dos sacrosantos mysterios da vida, paixão e morte do Homem Deus, do que a contemplação dos proprios Logares, onde se ouviu a sua voz, e onde exhalou o ultimo suspiro?

Contemplar aquelles Logares é como que ouvir uma testemunha ocular referindo os heroismos sublimes do amor d'um Deus.

O plano adoravel da nossa redempção vai-se desenrolando aos olhos do que attenta seriamente n'aquelles santissimos Logares, e uma emoção cheia de amor e reconhecimento invade muito naturalmente a alma, ante as visões grandiosas que a contemplação d'essas verdadeiras reliquias evocou.

*

E que argumento tão poderoso para defender a verdade christã dos ataques de seus inimigos!

Ante esses vetustos monumentos, saudados com devoção pela christandade de tantos seculos, hão-de ir sempre desfazer-se os sophismas pretenciosos da cavillação impia.

A nevoa da duvida dissipa-se inteiramente, ante esses santuarios, que são para todo o homem que pensa, verdadeiros quadros, cheios de vida, onde uma luz superior lhe descobre a personalidade divina d'Aquelle, cuja gloria elles tão eloquentemente proclamam.

Assim o entenderam os nossos antepassados, e por isso não só não permittiram se perdesse este novo Evangelho, mas, tanto que lhes foi possivel, cobriram esses Logares sacrosantos com formosos templos, cuja manutenção, como divida sagrada, os seculos subsequentes teem sempre zelado.

Viram e com razão, que a conservação d'estes Logares bem litos não só se impunha á sua piedade como um hymno universal de gratidão, mas importava á nossa Fé, como argumento claro e irreductivel.

*

Vão passados os tempos difficultosos, em que essa conservação reclamava tributos de sangue e de vidas. Com o andar dos seculos a situação difficil d'aquella nobre Missão tem-se modificado, sempre porém exigindo sacrificios e heroismos, que a distancia dos Logares, e a humildade de seus guardas nos impedem de referir como convinha.

Sabemos que os RR. Missionarios guardam e administram cincoenta e seis santuarios, vinte e oito Egrejas parochiaes, e dezoito Capellas succursaes, e por outro lado, que são vexados continuamente pelos discipulos de Mafoma, que exploram escandalosamente a dedicação dos mesmos Missionarios.

Accresce a insidia e emulação scismatica, que se não excede em dedicação, vence em recursos, e por conseguinte em protecção, como attestam os ultimos acontecimentos de Jerusalem.

Que fazer pois? O que a experiencia dos seculos tem ensinado. A melhor bandeira a que podem acolher se é a generosa caridade dos fieis.

*

A' mente do observador justo não passam desapercebidas as sommas importantes, que a conservação, reparação, defeza e culto d'esses santuarios representa, no meio d'um povo hostil e avaro; mas ainda não é tudo.

A acção missionaria dos Guardas dos Santos Logares vai mais longe.

Elles não podiam ser indifferentes á necessidade extrema, em que se achavam os restos da florescente christandade, que, após a oppressão musulmana, ficou disseminada pela Palestina, nem deviam deixar, se apagasse a luz da fé alli, onde a plantara, á custa do proprio sangue, o Auctor da mesma fé.

Para que os Exc.mos Bemfeitores possam formar uma idéa approximada do movimento d'esta missão, aqui lhe apresentamos um elenco das principaes estações missionarias e casas de educação, a cargo dos R. R. Guardas da Terra Santa.

Em Jerusalem

Convento de S Salvador—Um orphanotrophio para o sexo masculino, outro para o feminino, onde se educam mais de 100 orphãos:

—Varias officinas de carpinteiro, ferreiro, alfaiate, etc., dirigidas pelos religiosos. Trabalham sob a sua direcção mais de 150 artistas, que d'este modo elles tornam homens uteis a si, á familia e á sociedade.

A missão dispende annualmente com estas officinas mais de 100:000 francos:

—Uma pharmacia, onde dois religiosos subministram gratuitamente os medicamentos, a quantos se apresentem com receita de algum dos dois medicos, mantidos pela missão. Calcula se em 600 as receitas preparadas e distribuidas semanalmente.

—Além dos dois orphanotrophios, a misssão tem duas escolas para os dois sexos, onde se educa um total de 475 alumnos entre meninos e meninas, não comprehendendo a que dirigem os Irmãos das escolas Christãs, (subsidiada tambem pela missão), que conta numerosos discipulos.

—Entre outras obras de beneficencia, cura a missão de fornecer casas aos pobres. Só em Jerusalem offerece, ou melhor, paga o aluguel de 388 casas, onde vivem 402 familias indigentes. Em 1896 este ramo de beneficencia custou 41:564 francos:

—Junto ao convento está uma casa para peregrinos, onde se podem accommodar mais de 200 leitos.

Durante o anno de 1896 alli se receberam 527 peregrinos, com os quaes se dispenderam 25:304 francos.

Belem

Aqui tem os missionarios uma escola, frequentada por 300 alumnos do sexo masculino Além de tres religiosos tem de se pagar a quatro professores seculares.

—Outra escola pora o sexo feminino, onde professoras religiosas educam 350 alumnos.

—Uma pharmacia bem provida, onde se recebem gratuitamente os medicamentos e ainda os curativos d'um medico religioso. No mesmo anno de 1896 dispendeu a missão 6:195 francos.

—No recinto do convento ha um hospicio para peregrinos, cujas despezas orçaram no mencionado anno em 10:870 francos.

Convento de S. João—Na patria de S. João tem a missão duas escolas para os dois sexos com 53 alumnos.

—Uma pequena pharmacia, onde se distribuem os medicamentos.

A despeza orçou no mesmo anno em 3:238 francos.

Convento de S. Cleofas (EMMAÚS)—Além de um collegio seraphico, destinado a fomentar vocações para Missionarios da Terra Santa tem:

—Um hospicio, onde se recolhem mais da 300 peregrinos, com os quaes se dispendeu no anno já mencionado 1:440 francos, afóra as esmolas em dinheiro, objectos e medicamentos dados aos pobres.

Ramb

Convento de S. Nicodemus — Tem duas escolas para os dois sexos dirigidas respectivamente por mestras e mestres religiosos.

—Um hospicio, onde se alojaram mais de 300 peregrinos.

Jaffa

Convento de S. Pedro — Aqui tem a missão uma escola do sexo masculino com 70 alumnos, e outra do sexo feminino com 130 meninas.

—Além d'outras esmolas a pobres sustenta 75 indigentes, com os quaes dispendeu 5:468 francos.

—Tem um bello hospicio, onde recebeu 819 peregrinos, e com os quaes dispendeu 6:008 francos.

Nazareth

Convento da Annunciação — Tem uma escola para meninos e outra para meninas, a quem fornece de livros, etc.

—Dos 1:156 individuos, de que se compõe esta parochia, 650 são subsidiados com as esmolas da Terra Santa. No anno a que nos vimos referindo, dispendeu 6:711 francos.

—Uma pharmacia e um medico religioso fornecem gratuitamente os medicamentos.

—No hospicio d'este convento receberam se 936 peregrinos, com os quaes se dispendeu a quantia de 6:224 francos.

Galilea

Convento de Caná — Mantem aqui a missão duas escolas para ambos os sexos, onde se fornecem até os livros.

—Da diminuta população catholica, composta de 132 individuos, sustenta a missão 34 pobres e 9 orphãos, além da generosa hospitalidade aos peregrinos, que vão visitar estes Santos Logares.

Thiberiades

Convento de S. Pedro — Além de sustentar a maior parte dos catholicos d'esta localidade, tem a missão duas escolas, frequentadas por 26 meninos e 64 meninas.

—Tem um hospicio para peregrinos, onde recebeu 210 e com os quaes dispendeu 1:360 francos.

Acre

Convento de S. Francisco — Tem uma escola frequentada por 58 creanças.

Tyro

Convento de Santo Antonio de Lisboa — Tem uma escola com 80 alumnos.

Sidon

Convento da SS. Annunciada — A missão tem alli duas escolas com 45 meninos e 215 meninas.

—Além dos pobres da Parochia tem a missão ao seu cuidado uns 30 orphãos.

Harissa

Convento de S. Pedro e S. Paulo — Ainda que a Egreja de Harissa não seja parochial, todavia a missão viu a necessidade de ali abrir uma escola, que é frequentada por 60 creanças.

Tripoli (CIDADE)

Convento de S. José — Tem uma escola frequentada por 48 creanças.

Tripoli

Convento de S. Francisco — Ha duas escolas para os dois sexos; os alumnos são tão pobres que até é necessario dar-lhes os livros.

Damasco

Convento de S. Paulo — Ha uma escola para o sexo masculino com 83 creanças.

Laodiceá (LATARCHIA)

Convento de Santa Cruz — Hoje pertence esta localidade á missão da Terra Santa, que ali sustenta duas escolas frequentadas por 63 alumnos, entre meninos e meninas.

Knaje

Convento de S. José — Aqui como em todas as outras localidades da missão estão as escolas sob a direcção do parocho Franciscano. Nas duas, que a direcção aqui sustenta, educam-se 70 alumnos d'um e outro sexo.

—Ha officinas providas de todo o necessario:

—Uma pharmacia fornece gratuitamente todos os medicamentos.

Aleppo

Convento de S. Francisco — N'esta cidade tem a missão um collegio para educação da juventude. Actualmente é frequentado por 100 jovens, sob a direcção d'um sacerdote Franciscano.

—Tem além d'isso duas escolas para os dois sexos. Além das sommas dispendidas com os professores, com os pobres em dinheiro e objectos varios, dispendeu 5:000 francos.

—Possue tambem uma pharmacia que fornece gratuitamente os medicamentos aos necessitados da parochia.

Aintae

Convento de S. Boaventura — Ha duas escolas, uma para o sexo masculino, frequentada por 120 meninos, outra para o sexo femenino com 70 meninas.

—Uma pharmacia gratuita fornece os medicamentos aos doentes, além do serviço de consultas e operações.

As esmolas distribuidas á pobreza d'esta localidade em 1896 passaram de 5:000 francos, mas bem merecem que a missão tanto se desvele com os habitantes d'esta localidade, pois só no mencionado anno as abjurações foram 110.

Maraase

Convento de Santo Antonio de Lisboa — Ha duas bellas e espaçosas escolas, frequentadas por 240 meninos e 220 meninas.

—Com os pobres d'esta povoação, devido aos morticinios de 1895, dispendeu a missão 40:000 francos.

Mugiuk-Deresi

Hospicio de Mugiuk — Foi esta uma das localidades mais celebres pelos morticinios de 1895.

Atravessado pelas baionetas dos inimigos do nome christão, caiu martyr o seu missionario, Pa-

dre Salvador de Capadocia, juntamente com 11 de seus Parochianos.

A perseguição e mortandade destruiu tudo, o que obriga a novas despezas, além das já despendidas, que montam á enorme somma de 110:00 francos. Aqui a miseria está reclamando continuos subsidios, que se esperam da caridade christã.

Nicosia

Convento de S. Cruz — Tem duas escolas frequentadas por 60 meninos e outra mais numerosa para meninas.

Larnaca

Convento de N. S. da Graça — Frequentada por 50 meninos tem este convento uma escola dirigida por dois Professores, e uma outra para o sexo feminino dirigido por algumas religiosas, que teem a seu cargo uma pharmacia para os pobres.

A's mesmas religiosas confia a missão o cuidado dos orphãos; as esmolas a estes e demais pobres montaram a 4:000 francos.

Limassol

Convento de S. Catharina — Além d'uma escola particular; que ha no convento, subsidia a missão uma outra, dirigida pelas Irmãs de S. José, onde se educam cerca de 50 meninas.

As esmolas distribuidas aos pobres orçam por 2:000 francos.

Alexandria

Convento de S. Catharina — Ao lado da Egreja Parochial edificou a missão um Collegio, onde se ensinam as Humanidades.

—Dirigido pelas Irmãs Terceiras Franciscanas subsidia a missão um orphanotrophio para meninas.

—Além d'este dirigem na cidade as mesmas Irmãs dois Collegios, onde se educam numerosissimas alumnas.

—Distribue com 110 orphãos, além do grande numero de familias pobres, um total de 9:500 francos.

—Com peregrinos dispendeu-se a somma de 2:848 francos.

Alexandria

Convento de S. Francisco — A missão sustenta uma escola confiada a quatro professores, onde se educam mais de 250 meninos.

CARDEAL ADJUTI

—A escola para o sexo feminino dirigida pelas religiosas Franciscanas é egualmente frequentada.

Rosseto

Convento da S. Familia — Não obstante o pequeno numero de catholicos n'esta Parochia a escola da missão é frequentada por mais de 30 meninos.

Damanhur

Convento da S S. Annunciada — N'esta cidade a missão tem uma pequena escola frequentada por mais de 30 meninos.

Hafr-el-Zajat

Convento da Immaculada — A escola para o sexo masculino conta mais de 40 alumnos, que são educados por tres professores em varias linguas.

A do sexo feminino é egualmente numerosa como a primeira e dirigida pelas Irmãs Franciscanas da cidade.

Cairo

Convento d'Assumpção — A escola do sexo masculino dirigida por dois professores é frequentada por mais de 80 meninos, onde aprendem varias linguas, que se falam no Egypto.

—Confiado ás Irmãs da Terceira Ordem ha um Collegio para meninas, frequentado ainda mais numerosamente, que a outra dos meninos.

—A missão possue um orphanotrophio com cerca de 40 meninas, dirigido pelas mesmas Irmãs Franciscanas.

—As esmolas aos pobres da Parochia no anno de 1896 montam a 7:500 francos.

—Nos suburbios do Cairo tem a missão um albergue dirigido ainda pelas mesmas Irmãs, onde se recolhem as infelizes creanças, que são abandonadas pelos seus proprios paes.

Bulaco

Convento de N. S. do Carmo — Por ora ha apenas uma escola para meninas confiada a uma boa professora sob a dependencia do Parocho. Esta escola é frequentada por 40 creanças.

Mausurah

Convento de S Luiz Rei de França — Dirigida por tres professores tem aqui a missão uma escola para o sexo masculino, frequentada por mais de 50 meninos da Parochia.

—N'outra escola, egualmente numerosa, educam as Irmãs Franciscanas as meninas.

—Além da escola ha tambem um Collegio annexo para educação do sexo feminino.

Damiata

Convento de S. Francisco — Sob a dependencia do Superior e Parocho Franciscano possue aqui a missão uma escola frequentada por uns 40 meninos.

—Mais numerosa que esta dirigem as Irmãs uma outra de meninas.

Porto-Said

Convento de S. Eugenia — Mais de 90 creanças são educadas por dois professores n'uma bella escola parochial, além d'outra nocturna muito concorrida por jovens que estudam mathematica, desenho, etc.

—Ainda que este convento não seja hospicio para peregrinos, todavia ali se recebem amoravelmente os individuos do clero secular e regular, que passam por aquelle porto em direcção á Terra Santa ou ás missões da India. Calcula se por anno cerca de 300.

Ismailia

Convento de S. Francisco de Sales — Tem uma escola para o sexo masculino frequentada por mais de 80 alumnos.

—Não menos frequentada é a que dirigem as Irmãs para o sexo feminino.

Suez

Convento da V. Immaculada — Ha uma escola do sexo masculino frequentada por mais de 50 creanças.

—Outra para o sexo feminino dirigida pelas Irmãs, a cujo cuidado está tambem um hospital.

*

Mãe solicita e carinhosa, a Egreja, que tão bem conhece a situação afflictiva d'estas Christandades e seus Missionarios, tem sempre desenvolvido um zelo e singular solicitude em auxiliar estes filhos, de quem ella é o unico amparo.

A historia, que archiva os testemunhos bem ruidosos d'essa solicitude, continúa a registar provas irrecusaveis d'esta especial predilecção.

Ainda não ha muito o fallecido Pontifice, seguindo o exemplo de seus Predecessores, pelo seu breve *Salvatoris* de 26 de dezembro de 1887, ordenou, se continuassem, e onde estivessem obliteradas, se restaurassem as collectas annuaes em sexta-feira santa, se outro dia não fosse designado pelo respectivo Ordinario, afim de acudir ás necessidades da primeira missão da Christandade.

*

Portugal deu em todos os tempos singulares provas da sua docilidade ás prescripções da Egreja. Com que generosidade por isso mesmo não contribuiu elle para a manutenção dos Logares Santos, tão recommendados á caridade dos catholicos de todo o mundo!!

Seus monarchas orgulhavam-se de enviar em seu proprio nome as avultadas collectas, que a nação inteira annualmente offerecia para tão santo fim.

Ainda hoje se admiram nos santuarios da Terra Santa primores artisticos de subido valor, que alli attestam a piedade de nossos maiores, e honram o nome portuguez.

Todos sabem como desappareceu entre nós essa corrente de sympathia e devoção: mais d'uma vez o temos repetido, mas não desappareceu a Egreja. Esta permanece e com ella o zêlo para com a primeira missão do mundo; e é este zêlo que ha de ir accendendo no coração dos bons portuguezes o fogo da antiga devoção para com os Logares Santos.

Temos d'isso a convicção, e cada dia se confirma mais e mais. Em Portugal já não ha um só Prelado, que ouvisse indifferente a voz do Supremo Pastor, solicitando a protecção possivel para a missão da Terra Santa.

As transcripções, que adeante fazemos, das ultimas instrucções pastoraes, e o reconhecimento, que temos, da piedade dos portuguezes, não podiam deixar de levantar n'este sentido as nossas esperanças.

trabuco do snr. Figueiredo, preferiram morrrer n'uma intransigencia irreductivel com o erro e a mentira, antes que pronunciar uma simples palavra, que lhes garantia a conservação da vida e a elevação ás mais brilhantes culminancias sociaes, no goso pacifico da mais invejavel felicidade e bem estar temporal.

Rejeitavam nobremente os *accommodements* com a consciencia e as convicções, e 'nisto se pareciam muito pouco, ou não se pareciam nada com os chefes socialeiros da nossa terra, como certos Figueiredos que nós muito bem conhecemos, qne em publico são a propria independencia em pessoa, de mãos lavadinhas e porte austéro, e no viver privado se rojam aos pés dos mandões da alta politica, n'um sabujismo reles que provoca nauseas.

Não se offenda, snr. Figueiredo...

E vá ouvindo mais:

«Com Constantino subiu o Christianio ao throno; e de Constantino a Carlos Magno ha 62 Papas. E' a paz, sem duvida, o triumpho, o manto de purpura, e a corôa? Olhae: o Papa Liberio é desterrado para Beréa, na Thracia. Innocencio I e Leão o Grande são expostos ao furor de Alarico e Genserico. S. Symmaco é atacado á mão armada nas ruas de Roma, e vê os seus sacerdotes trucidados em volta de si.» Este... Segue a enumeração de mais 12 Papas d'este periodo, condemnados a tormentos e soffrimentos similhantes, e conclue com esta reflexão: «O manto de purpura apparece quasi sempre tinto em sangue.»

E note o amigo Figueiredo que não é o povo, e sim os depositarios do poder civil — sempre a tyrannia imperial! — que se arvora em carrasco dos successores de S. Pedro. O povo, então como hoje, collocou-se sempre quasi invariavelmente, ao lado do Papa. O que ainda hoje provoca os despeitos e as invejazinhas sesecretas dos salvadores do socialismo, que estão mesmo 'numa ancia de libertar o povo escravo (libertando tambem de miserias o estomago..) e o povo — o eterno ingrato — sempre desconfiado a fazer-lhes figas de longe!...

Até corta o coração, querido Figueiredo...

De Carlos Magno a S. Luiz succederam-se 84 papas. «Será esta a época da paz, da gloria, da vida socegada? Não: o Calvario continúa.» Mais de um terço vae tendo a sorte dos seus predecessores. Os que lhes succedem, na edade média e nos tempos modernos, teem sorte pouco mais invejavel; Valence, Fontainebleau, Gaeta, são de nossos dias.

E saiba mais o Figueiredo amigo, que os Papas soffreram, como disse um dos mais notaveis entre elles, porque «amaram a justiça e aborreceram a iniquidade.»

Em vista d'isto, Figueiredo amigo, deixa-me dizer-te com franqueza de tal: Desastrada hora em que tu manchaste com aquellas asnidades as columnas, já tão tristemente emporcalhadas, do teu attribulado *Trabalho*.

E agora... mãos ao cangirão; empina o meio-litro e prosegue a vida airada. Nós, que te conhecemos, continuamos a ter dó de ti e mais dos pobres de espirito que te lêem... e te acreditam.

«Arriba, cangirão!»

*

Um episodio recente da educação leiga em França:

Numa habitação luxuosamente mobilada jaz no leito da dôr uma creança de 13 annos, dade. Seu pae gloria-se de não crer em nada, e até se ufana de ter descarregado na Igreja certeiros golpes. A mãe, arrastada pelas vaidades e respeito humano, pouco crê tambem, apesar da bôa educação que recebeu. O pobre menino nunca ouviu fallar em Deus; em compensação, porém, assistiu bastantes vezes a essas representações dramaticas que fazem subir o rubor ás faces ao mais despejado presidiario. O menino está doente, e o medico faz tristes prognosticos de seria gravidade. Pae e mãe choram inconsolaveis; lembrando-se de sua antiga fé, diz a mãe timidamente para o marido:

—Se nós chamassemos um padre?

Elle encolhe os hombros e volta-lhe as costas.

A mãe vê então a toda a luz da verdade, a gravissima responsabilidade que sobre ella pésa, por haver dado a seu filho uma educação «leiga;» e n'um generoso rasgo de amor maternal, diz para o consorte.

—Condemna-te tu, se quizeres; eu quero salvar o meu filho; vou chamar um padre.

—Mas balbucia timidamente o marido: que dirão os visinhos quando o soubérem?...

A mãe corre em procura do Sacerdote, emquanto o marido, approximando-se da cabeceira do doentinho, lhe diz, movido talvez por secreto remorso:

—Não temas nada, meu filho?... Pensa que talvez possa haver alguma coisa depois d'esta vida... Encommenda-te a Deus...

O menino fica por momentos em silencio; e logo, com uma tranquilla placidez, pergunta:

—Mas, papá, o que é encommendar-se a Deus?...

—O pae não sabe como sair-se de tão embaraçosa situação; faz votos para que chegue em breve o Sacerdote, e vae pensando na desculpa que depois dará aos amigos, attribuindo á mulher a culpa de tudo.

—N'isto chega, emfim, a mãe acompanhando o padre. Mas mal o menino o vê, dá um grito de terror, exclamando.

—Ai, o corvo! ai, o corvo que vem comer-me!...

Esconde o rosto entre os lençoes, e expira afogado n'um vómito de sangue.

La Semaine Religieuse de Grenoble, donde transcrevemos a narração, garante a authenticidade do facto, e accrescenta que poderia dizer o nome do pae, alto funccionario do governo francez.

*

Estamos no tempo das greves.

Esta, de que vamos occupar-nos, não tem a importancia de muitas outras que teem convulsionado nações inteiras e posto em sobresalto a Europa. Nem sequer fez cahir um ministerio ou demittir um governador civil; mas na sua despretenciosa modestia, não deixa tambem de ser interessante, como os leitores verão.

E' domingo, á hora da missa conventual, n'uma egreja de Montreal, Canadá. Os meninos do côro, em vistosa fileira, mãos juntas e olhos baixos, parecem aguardar na sacristia o ultimo signal do estylo para penetrarem no Sanctuario.

Dez horas em ponto. O Sacerdote dá signal para avançar, Mas... ninguem se meche. Em attitude ameaçadora, declaram os petizes que estão em greve, e que nunca mais tomarão parte na celebração dos sagrados mysterios, emquanto não fôr approvada e posta em vigor uma nova

ao rev. Parocho: um augmento de 10 réis por cada funcção religiosa.

E que não cediam nem que os rachassem de alto a baixo.

Nas espaçosas naves do templo apinham-se mais de 4:000 pessoas, que querem ouvir Missa. Que fazer?

O Sacerdote é homem energico e de acção, que n'um momento resolve os casos mais intrincados sobre as questões mais difficeis.

—Que querem?—pergunta em tom sêco.

—Senhor padre exigimos mais 10 réis, diz o organizador do movimento.

—Bem: já que em tudo isto não ha a minima ideia de internacionalismo, capitulo já; mais 10 réis por cada funcção religiosa. Para a frente marche!

Estava terminada a gréve, que só durara quatro minutos. Os fieis que enchiam o templo, nem mesmo deram por ella, tão innocente era o sorriso angelico qne debruava os labios graciosos dos gentis revolucionarios...

Gréves assim... nem as que os nossos deputados faziam tão amiudadas vezes, na passada epoca parlamentar.

Levamos o facto ao conhecimento d'*O Trabalho*, de Setubal, que, contra o seu costume, o não noticiou ainda, o que é flagrante injustiça para com os piedosos grevistas. Tanto mais que d'esta vez triumphou o movimento revolucionario, sendo satisfeitas integralmente as exigencias d'aquelles pequeninos escravos do trabalho, tão cedo enfeudados á... luta pela vida.

6—VIII—03.

PELO CHRONISTA DA VOZ.

F. LUSO.

Pequena Bibliotheca da «Voz de Santo Antonio»

1)	*Estatutos da Pia União de Santo Antonio*	10 reis
2)	*Angustias do Coração de Maria*...	100 »
3)	*A Grandiosa Obra de Santo Antonio.*	50 »
4)	*Maria Fallando no Coração da Donzella*, br.....	160 »
5)	*Doutrina Maçonica*.....	200 »
6)	*Collecção de canticos religiosos, escolhidos para a Novena e Vesperas de N. S. da Immaculada Conceição.*	400 »
7)	*Hosanna Patriarcha, a Sua Exc.ª Rev.ma o Snr. D. Antonio, Arcebispo de Góa*	300 »
8)	*Almanach de Santo Antonio para 1903 (illustrado)* br.	250 »
9)	*Collecção completa das tres primeiras series da «Voz de Santo Antonio», encadernação de luxo, abatimento de 20 %*.....	7:500 »
10)	*Cada uma das séries (2 annos)*....	2:500 »
11)	*Monte de Myrrha e Outeiro de Incenso*, consagrado á Virgem SS. e Mãe Dolorosissima por um missionario seu devoto,—obra recommendada, approvada e indulgenciada pelos Ex.mos Snrs. Arcebispo Primaz e Bispo do Porto,—bruchado	60 »
	Encadernado	100 »

12) *O Livro dos Terceiros Franciscanos*, (no Prélo) por um membro da Redacção da *Voz de Santo Antonio*—E' um tomo de 500 paginas em 8.º nitidamente impresso em magnifico papel, illustrado com muitas gravuras algumas das quaes em papel especial.

Como o indica o titulo, este livro é por excellencia—o livro dos Irmãos Terceiros. Em quatorze praticas expõe longamente as obrigações e espirito da regra da *Ordem Terceira de S. Francisco.*

As pessoas piedosas que não pertencem á *Ordem Terceira* muito aproveitarão com a sua leitura visto expor se ali os conselhos evangelicos que constituem a perfeição christan segundo o espirito serafico: *O amor de Deus e meios de o praticar: Oração e presença de Deus, a caridade e seus respectivos graus e defeitos contrarios, a penitencia christan, mortificação interna e externa; indulgencias o que sejam e como se ganham, o luxo e más leituras*, etc.

Em apendice contem—*Pequena novena de S. Francisco e de Santa Isabel de Hungria* e orações para os principaes actos da vida christan.

Preço:—brochado em papel oceania com lindo frontespicio, incluindo o porte do correio, 500 réis.

Novo correspondente na Madeira: João Daniel Nunes — Rua das Murças, 8 — Funchal.

A Grandiosa obra de Santo Antonio

E' um livrinho de 64 paginas, com umas lindas capas a chromolitographia, contendo—*Noticia sobre o Pão dos Pobres — Pia União de Santo Antonio — Vida de Santo Antonio — Trezena em honra de Santo Antonio e mais algumas devoções.*

E' um livrinho que esperamos vêr lido por todos.

A isso se destina pelo seu todo, até pelo preço que é só de 50 réis.

Quem o adquirir verá se não deu por bem empregada esta quantia.

VOZ DE S. ANTONIO

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

Direcção.—Toda a correspondencia deve ser dirigida unica e exclusivamente ao Rev.º Padre Director da «Voz de S. Antonio» —Braga,

Assignatura.—1$200 réis por anno, no reino e ilhas adjadentes, para os demais paizes accresce o importe do correio.